

FOLTA

Revista de Arte e Pensamento
2ª Fase

ANNO I

MARÇO DE 1935

NUM. 7

Neste numero:

Canto Christão - Tasso da Silveira; Ronald de Carvalho; Gabriela Mistral; Rimbaud - Mario de Andrade; Um poema sobre a Atlantida; A' sombra do Himalaya - Ramayana de Chevalier; Pensamento - Cecilia Meirelles; A caricia eterna - Padua de Almeida; Parabola do filho prodigo - Cardillo Filho; Na rua - Francisco Karam; Poema - Rosario Fusco; S. Francisco de Assis - Lacerda Pinto; O homem e a terra - Eduardo Tourinho; Requien - Wellington Brandão; Heitor Alves; Palavras ao vento - Eugenio Gomes; Setembro (poemas de Emiliano Pernetta) - Silveira Netto; Definição do modernismo brasileiro - Orlando Carneiro; Meia hora com Cecilia Meirelles e Correia Dias - Andrade Muricy; Retrato feito ao regresso - T. S.; Semana "Emiliano Pernetta"; A sombra do Komosol - Afranio Coutinho; Bialik - T. S.; Sertão de inverno; No circo sem teto da amazonia - A. M.; Poemas novos - Silveira Netto; Murillo Araujo - T. S.; Pintura futurista - Henry de Lanteuil.

Desenhos de CECILIA MEIRELLES

obituario et nec

ANNO I

NUMERO

SETE

FOSTA

Revista de Arte e Pensamento
2ª Phase

RIO DE
JANEIRO

MARÇO
1935

canto christão

Nós temos de calar nossa voz, Companheiros!
Temos de fazer um grande, infinito silencio
para escutar a queixa
e as trágicas ameaças
do nosso irmão proletário.

Para escutal-os, não apenas
com os ouvidos,
mas com os sentidos todos
do nosso corpo e da nossa alma.

Nós, que aprendemos a sentir
a pulsação secreta
das forças adormecidas e distantes;
a captar, pela antenna prodigiosa
do nosso espirito
as fluídicas correntes
do magnetismo que equilibra os mundos;
a auscultar, commovidos,
o latejo tellúrico
da terra ardente de germinações,

— nós não ouvimos nunca
o rumor abafado
da angustia que crescia...

Nós temos de calar nossa voz, Companheiros,
para ouvir em silencio
nosso irmão proletário.

Esta é a hora de escutar.

O que elle diz
vem carregado de ódio e de blasphemias.
O que elle diz é amargo como o mar.
O que elle diz
vem carregado de erro e negação.

A voz que elle ergue é um sopro ardente
dos abyssos.

Porém nós, Companheiros,
nós temos de fazer um profundo silencio
para o escutar!

Porque elle é que realiza
sobre a face da Terra
a grande dôr humilde.

Porque elle é que morde o pó.

Porque elle
é que tem sêde de justiça e de alegria.

Nós temos de escutar nosso irmão proletário
porque elle é que realiza
o destino terreno
dos pobres que o Senhor santificou.

O que elle diz
vem carregado de ódio e maldição.
Elle esqueceu a eternidade. Como nós!
Nós também a esquecemos.
Elle e nós nos esquecemos de Deus.

Elle, porém, porque ficou suffocado
sob a materia densa.

Porque os blocos que carregou nos hombros
[túmidos

pesavam tanto
que elle os ficou para sempre carregando
dentro da alma.

Porque a terra que elle trabalhou nos campos
[áridos

entrou-lhe pelas unhas, pelos póros,
e ficou sendo lama negra em seu espirito.

Porque a poeira e o carvão que elle respirou nas
[usinas,

nas minas, nas estradas,
nas duras jornadas sol a sol,
forrou-lhe os pulmões de uma camada áspera e
[secca.

E sua alma, pesada,
não pode mais erguer-se para Deus.

Elle esqueceu a eternidade, como nós!

(CONCLUE NA PAGINA SEGUINTE)

Ronald de carvalho

Gabriela Mistral

Todas as pennas ageis, todas as vozes re-soantes deste momento brasileiro exprimiram o pezar que provocou a morte de Ronald de Carvalho com um accento quasi unico: o de uma pena infinita de que se houvesse partido, e em choque tão aspero, tão pura e harmoniosa linha de vida, no mesmo instante em que nella se transformava o rude esforço criador em alegria de triumpho.

Porque era este o phenomeno a que todos assistiamos deslumbrados.

A expressão serena e subtil, de apuro classico, mas chela de essenciaes movimentos novos, que Ronald imprimiu na sua obra de prosador e de poeta, não significou nunca, na sua alma, um adormecimento qualquer para as grandes angustias do espirito do tempo em que viveu. Os que perscrutaram essa obra, e, melhor ainda, os que lhe ouviram as confidencias o sabem de sobejo. Ronald teve de vencer desanimos fundos e duvidas mortificantes. Ao tempo de *Luz Gloriosa e Sonetos e poemas*, minavam-lhe o entusiasmo criador efluvios vivos da filosofia naturalista, assim como do tedio *fin du siècle*, que o parnasianismo e o symbolismo carregaram para o Brasil. A sua *Pequena historia da litteratura* foi um esforço de ascese e disciplina que elle cumpriu, arrostando uma onda forte de descrença no destino brasileiro. *Espelho de Ariel* representa simples evasão do tedio intimo para a belleza alheia. E ainda nos *Epigrammas*, que foram o seu primeiro fremito

de renovação, — não apenas de renovação esthetica, mas principalmente interior. — são visiveis os ultimos cristaes de scepticismo boiando, rijos, na agua diaphana da expressão lyrica renascente.

Em todos esses livros, comtudo, a intelligencia se sobrepoz á dellquescencia intima, e refundiu o sentimento esmorecido em moldes de belleza pura, num trabalho de ordenação de sentido mais alto do que o possa presumir a analyse desaffenta. A luta por attingir á forma limpida foi uma hygiene espirital. Ronald reconstruiu-se aos poucos em sua propria espiritualidade, e pelo amor á nitidez das formas, attingiu a substancia profunda.

O que vimos acontecer no seu caso foi justamente a reconquista da harmonia interior pelo caminho do esplendor das apparencias.

Toda a America é um grito de descobrimento. Não apenas do descobrimento de outros rythmos e outras materias de arte. Mas, sobretudo, de descobrimento do valor da vida. *Toda a America*, e as paginas de prosa e verso que se lhe seguiram, foram traçadas em plenitude de alegria. O sceptico, sem o saber, marchava para a fé. Porque, por necessidade inelutavel de nossa natureza, é atravez das coisas que attingimos o espirito e o sentido superior do seu destino. E quando alcançamos o valor da vida estamos proximos de Deus.

A adequação perfeita deste nome a uma poetisa de espiritualidade profunda... Gabriela Mistral: ha nelle um tal cantico de vogaes abertas e uma doçura tal de consonancias, que se diria escripto com letras de outro alphabeto que não o que empregamos em nosso áspero esforço expressional de cada dia. E ha ainda o resabio de Provença, na lembrança que traz do cantor de *Mireto*, com o mel e o sol e as frondes frescas do claro pais meridional.

Não tenho á mão os maiores livros da poetisa chilena, que é, tambem, indice alto da cultura universal na America. Apenas, sobre a mesa, um volume de poesias infantis. Será, quem sabe, o mais duradouro de todos. A poesia que por elle corre é pura, simplez, sem mescla. É humana, profundamente. Quem nos dirá que não traz mais forte capacidade de permanecer, de ficar, do que a poesia dos outros livros, em que a intelligencia imperiosa interferiu, combinando ácidos, de que um dia desapparecerá, talvez, o sabor de belleza?

Desse volume de poemas para crianças, que se chama *Ternura*, traduzo a pequena pegazinha abaixo. Exactamente uma ronda. Mas de belleza imperecivel.

DÁ-ME TUA MÃO

Dá-me tua mão, e dansaremos,
dá-me tua mão, e me amarás.
Uma flôr única seremos,
uma só flôr, e nada mais...

O mesmo verso cantaremos,
ao mesmo passo, bailarás.
Como uma espiga ondularmos,
como uma espiga, e nada mais...

Chamas-te Rosa, eu, Esperança;
mas o teu nome olvidarás.
Porque seremos uma dansa
sobre a collina, e nada mais...

Nós, porém, a esquecemos
pelo terreno júbilo criador.
Pela alegria de sonhar e de construir.
Porque concebemos e commandámos
as transformações inauditas.
Erguemos metrópoles vertiginosas.
Accendemos constellações novas na noite.
Recortámos a Terra em geometrias audazes.
Vencemos os ímpetos oceanicos.
Rectificámos as costas marinhas em cáes soberbos.
Abolimos as separações e as distancias.
Aprisionámos na rêde do nosso desejo
os desertos, as planícies, as montanhas.
Decifrámos o enigma que nos abriu a porta
[de bronze do reino
longe e livre dos Espaços...

Nós a esquecemos
pela alegria de sonhar e de construir.
Porque recriámos o mundo á nossa imagem.
Modelámos a argilla pobre
em formas puras de belleza.
Prendemos o ar nos tubos magicos
em que fabricamos os rythmos dominadores.
Refundimos o aço essencial das coisas
no alto-forno do espirito
e refizemos as coisas em metal novo.
Nós a esquecemos
pela volupia miseravel de viver.

Porque pusemos estofos molles nos palacios
[dourados.

E os nossos pés correram alamêdas
de jardins de Aladino.
E os nossos corpos se cobriram de pannos cariciosos.
E as nossas boccas beberam vinhos que eram
[boccas diluidas...

Nós temos de escutar nosso irmão, Companheiros.
Porque elle é o soffrimento deslembado.
Porque fomos nós que o levámos
para o profundo sorvedouro
do Esquecimento.
Nós temos de escutál-o
e aceitar-lhe as injúrias
e apresentar-lhe nosso rosto
á hofetada vingativa.
Para que seu rancôr millenario esmoreça.
Para que diluam, porfim, os ácidos do ódio
que ao fundo do seu coração se accumularam.
E, liberto, elle possa
ouvir a palavra fresca e nova
que havemos de dizer-lhe:

a palavra da rememoração infinita:
a palavra resuscitadora de Deus
na alma do homem que deixou
perder-se
o sentido
de tudo...

t a s s o d a s i l v e i r a

R I M B A U D

Sobre o caso do abandono da poesia por Rimbaud. Os Franceses discutem, discutem, perquiram, fazem psicologia patriótica e não cortam a questão pela raiz. Ao meu ver ha uma especie de medo nacional de reconhecer que Rimbaud não era, absolutamente, uma intelligencia litteraria. Não era nem mesmo um poeta. Não era nada disso que, em última análise, é regular e normal.

Rimbaud teve lirismo, coisa do dominio do subconsciente e comum a todos os homens. Mas não foi poeta, que é, além de o realizar episodicamente, metodizar permanentemente, êsse lirismo interior.

O que não impede que tenha deixado algumas poesias geniais, está claro. Mas os "golpes de genio" nem são tão raros como a gente poderá imaginar e muito menos privilegio de poucos. Todos os individuos desse mundo *sofremos* golpes de genio, quando premidos pelas circunstancias. Dêstes golpes, alguns ficam, em pequenissimo número. São os realizados na arte, na história, na sciencia. Porque o interesse humano lhes dá validade permanente. Ao passo que os golpes de genio que comumente praticamos, si não ficam é apenas porque interessaram a uma pessoa só, geralmente a que os praticou. O anedotario dos homens conhecidos está cheio de golpes geniais. "Este é o meu lugar", "S. Paulo não se abalxa", etc. Mas si a gente reflecte com paciencia é obrigado a verificar que o anedotario de nós todos está igualmente cheio de golpes assim geniais. Basta observar ou lembrar o anedotario infantil, transbordante de golpes de genio. É porque certos homens são célebres, que a gente celebra e celebra apenas os gestos e frases deles...

Rimbaud não foi um individuo bem dotado para a arte, nem esta se desenvolveu necessariamente nele. Teve golpes geniais, *Bateau Ivre*, umas poucas "Iluminações", a *Saison en Enfer*. A diferença entre os genios litterarios (e quaisquer outros...) e Rimbaud, está em que aqueles metodizam o lirismo interior, desenvolvem as suas qualidades intellectuais, e por isso não se estiolam. A genialidade deles se torna por isso dotada duma especie de constancia, que permanece a vida toda, e só tem os desfalecimentos inerentes aos proprios fenomenos psicofisicos da existencia humana. A bem dizer, todos os seres humanos que pas-selam neste momento na rua Quinze, são genios estiolados... Como Rimbaud. Ele é o caso caracteristico do menino espertinho: brilha muito e vira povo depois. Um mimetismo exacerbado que a serviço duma sensibilidade enorme, o transformou de menino espertinho em menino-prodigio. Era um impulsivo, um *enfant de colère*. Era intelligente? Si quizerem, era. Mas uma intelligencia sem fatalidade, uma intelligencia disponivel, sem propensão para um determinado municipio da criação intellectual. Vendo-se no meio de livros, quis fazer o que os autores dos livros que lla tinham feito. E mais do que eles. Se encheu anormalmente de leituras abundantissimas, disparatadas, incapazes de indicar uma tendencia, uma fatalidade interior qualquer, e muito menos poetica. Mas quando o mano parte para a guerra, imita:

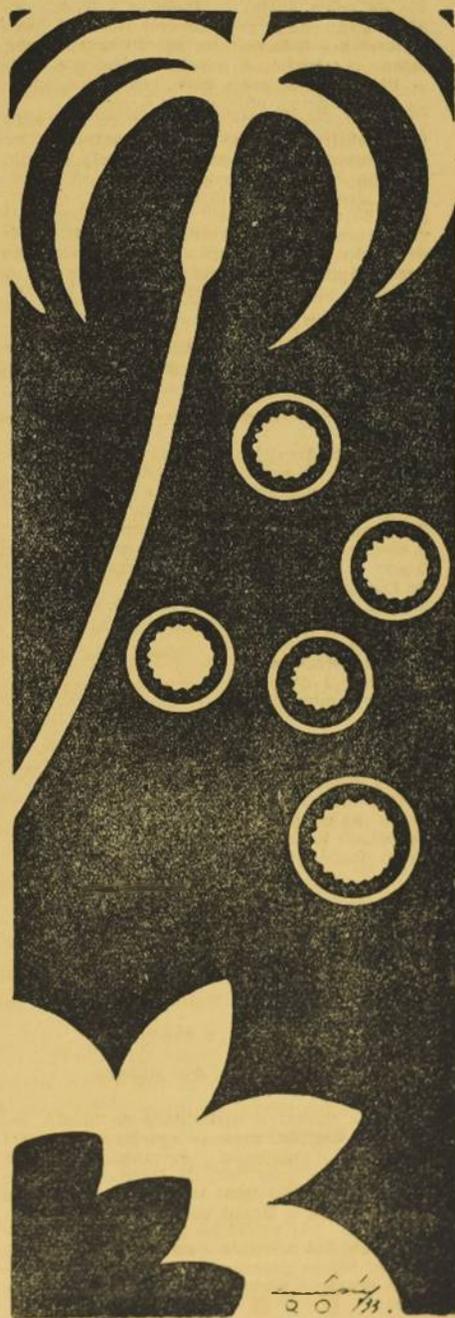
sente o desejo de partir tambem, parte. Quer-se heroi guerreiro. É a primeira fuga. No collegio é primeiro premio sempre, apesar de vadio. Reputado por todos um az. Vaidade. Intermitencia. Coragens voluptuosas que se esgotam rapido. Tudo estímulos enervantes. Aos 15 anos tem uma poesia publicado nas *Lectures pour Tous*. É, então, a efervescencia maluca de escrever. Lê tudo, Rousseau, Helvetius... São ateus? Se torna ateu e anticlerical. Se torna uma fatigado intellectual, principalmente, estado patologico propicio ás libertações do lirico subconsciente. Sabe de-cór os segredos da poetica tradicional. Devora Bouillet, Daudet, Flaubert, Poe, se afunda em vez de se aprofundar, em Proudhon, e escolhe tres deuses detestaveis, Leconte, Banville, Gautier. Rompe de novo a guerra, vem a revolução. Val de novo ser revolucionario (ou antes um revoltado...) em Paris. Mas era creança por demais para ser um revolucionario de importancia. Volta, e vai se tornar por acaso o revoltado de importancia! Lê Baudelaire. Já escreve coisas que procuram a excepção. Pela excepção... Entre elas provavelmente o soneto "Voyelles", tão famoso como insignificante (no valor de poesia, entenda-se), que êle mesmo confessou invençionice pura, na *Saison en Enfer*. Os poemas em prosa estão na moda, faz poemas em prosa. De repente se mete num projeto de Constituição politica, imitando Rousseau, se inspirando em Helvetius, atorreado pelos ecos de Proudhon. Se deseja sociologo. Se cansa. Abandona a Constituição, dando um bom exemplo aos brasileiros. E agora é o contacto com Verlaine, *Poèmes Saturniens*, "viens chère grand âme, on vous appelle, en vous attend"... É então é que, premido pelas circunstancias, desculpem, Rimbaud escreve o *Bateau Ivre*. Primeiro golpe de genio. Premido pelas circunstancias felizes. Depois são as loucuras, os escandalos, o ambiente esquentado dos poetas "malditos", as esquentadissimas ambições... "C'est Shakespeare enfant!" lhe diz Vitor Hugo — o que macacos me lambam si não é burrada gorda. E escandalos e viagens. Viagens e escandalos. A ruptura. O tiro. Quando sara, escreve a *Saison en Enfer*, seu maior golpe de genio. A mãe de Verlaine, a ruptura, o tiro, a doença no hospital: — premido pelas circunstancias infelizes.

Publica, então, o seu primeiro livro de versos que passa inteiramente despercebido. Tem má reputação. Alguns já fogem dele. Não luta. Se desinteressa de repente de tudo e quer abandonar a literatura. Mas na verdade a literatura é que o abandona. Rimbaud está com 18 anos, idade em que o moço principia se refazendo das fraquezas naturais deixadas pelo crescimento, idade de normalização do ser, em que o principio fecundado, o homem, calmamente devora o principio fecundador, a criança. Era um impulsivo. Continuará impulsivo. Era um aventureoso. O será sempre. Era intelligente? Terá sempre a intelligencia burguesa dum homem comum. Aprenderá varias linguas, o que não é nenhuma Africa. Assimilará facil. E não escreverá nunca

mais. Era um ser fatalizadamente artista? normalmente artista? Era psicologicamente um poeta? penso que não.

Todas as suas qualidades e defeitos permanecem, transformados apenas pelo manejo da idade e das circunstancias da vida. Mas não escreve mais versos nem constituições, e não terá mais golpes de genio perneciveis através do tempo. Teve-os na anormalidade do menino-prodigio, mas o menino-prodigio se acabou. Ficou o homem quasi normal, como todos nós, e sem genio, fisicamente forte, possante mesmo, dizem. Que será o calzeiro-viajante, empregado de escritório, negociante de café, eu, tu, êle.

m a r i o d e a n d r a d e



um poema sobre a atlantida á sombra do himalaya

Dario Vellozo tem prompto um poema sobre a Atlantida. Um poema épico, em sete longos cantos, afora um prelúdio e um final.

Trabalho dos sessenta annos de idade: — o singular aêdo symbolista preservou magnificamente o frescor de alma e a rjeza do corpo ao influxo do clima suave do planalto paranaense e de uma vida de harmonioso recolhimento. O poema de agora é, por certa face, irmão de outros dois poemas anteriores de Dario: *Alma Penitente* e *Rudel*. Nos tres, vibra violenta a suggestão do passado lendario. Em *Alma Penitente*, as vozes que falam são da India antiga. *Rudel* é a lenda medievã aproveitada por Edmond Rostand (posteriormente a Dario) na sua *Princesse Lointaine*. *Atlantida* é o velho sonho que, desde Platão, ou de antes delle, vem preocupando historiadores, philosophos e poetas.

As concepções de Dario Vellozo têm muito de abstruso. Secretamente influídas, no seu estremeamento de belleza, pelo espirito christão, afastam-se por influencia de estranhas ideologias, das immorredouras construcções do Christianismo. Mas fica-lhes, ainda, o encantamento evocatorio. A *Atlantida* de Dario leva-nos para um passado de ha onze mil annos. E acorda-nos outra vez no espirito a ansiedade do conhecimento das origens.

O poema é difficil. Hermetico, por vezes. Todo chelo de allusões iniciáticas e cabalísticas. Ha nelle, porém, fragmentos longos que fluem com espontaneidade delicosa:

"A Raça de Azeviche que, primeira
Da especie humana, o globo dominou,
Inventou o machado, abateu a palmeira,
Em troncos fluctuantes navegou:
Fabricou a plúgna, a sirga, o remo,
O cóvo, o harpão, a flecha voadora,
O arco e o tacape... Foi de extremo a extremo
Do Continente,
— Ora, a rumo da estrella matutina,
Ora, a caminho do Occidente,
Na ansia perturbadora,
Intensa, estranha,
De correr a campina
E subir a montanha.

A caça, a pesca, o pastorejo
Levaram-na atravez de serras e brejaes...
Ignota força a impellia:
— O Desejo...
Desejo de conhecer, de dominar,
De possuir a Natureza,
De usufruir a terra e o mar.

Marginou grandes lagos
Sombreados de fetos,
No emmaranhado dos juncaes,
Ora envoltos em névoa, ora em tons vagos,
Ou desvendando, á luz do dia,
Suavíssimos aspectos,
A belleza
Dos matizes, as tintas, a harmonia
Dos panoramas,
Os prelúdios nas copas dos pinhaes.

Para acirrar a curiosidade do futuro leitor de *Atlantida*, devemos revelar que o poema, de tão longinquo e estranho thema na apparencia, constitue, de facto, um grande canto ao destino total do Brasil. Entende o autor que o Brasil central participou da Atlantida. O autóclone de Lund, ao seu dizer, é um dos ancestraes da raça atlante. E no seu sonho generoso, ao Brasil está reservada missão suprema na historia da humanidade.

Ninguem que se não comova, lendo, contrito e sincero, o que foi a vida dese extranho bandeirante do misterio indú, esse glorioso "swami" Vivekananda, que na Terra se chamou Narendranath Dutt.

O Buddha clinostatico da China, o Mohamed patriarcal da Arabia, o Siva transcedente do Indostão, o Manú sapientissimo do Pendjab, e o proprio Ramakhrisna sagrado, bebedor de luz nas fraidas do Gaurizankar, nem um deles, teve existencia mais luminosa e mais pura. Renunciar á Terra para encontrar o Deus, tal foi a dinamica tragedia hieratica do dominante levantador da India.

Renunciar á Terra, servindo aos homens. Orientando-os no trevoso evoluer dentro do mundo. Pondo-lhes nas mãos, terno e viril, imenso e sacrificado, a pira onde arderiam egoísmos e paixões, de onde subiria em dança, a fumaça libertadora e augusta. Assim defrontariam o Deus, esse Deus infavel e onipotente, que vive em nós mesmos, a esperar.

Vivekananda misturou-se á plebe das margens classicas do Ganges. Visitou, com os seus "sannyasins", as cafurnas perdidas do Bhrama-putra, de onde surgia como evocações psalmódicas, a ferida róxa dos lotus.

Para sentir o Céu, ele olhou para a Terra. E gemeu, como um cantaro vasio, entre os parias moribundos. E perlustrou, humilimo, pequenino, a grandêza esfarrapada das castas inferiores. Ele, que era um "Kayastha", que provinha de um tronco de guerreiros, á sombra de Gautama, nascido rei, poeta, nos longos olhos negros e lindos, pensador nos temporaes constantes que lhe atritavam o intimo sem sombras, sonhador e genio, afagou, com as mãos fortes de atleta, a cabeça dos desgraçados, que ficavam a apodrecer, cobertos de moscas, nas estradas de Bombay. Foi o itinerante da Dôr e a sintese do sofrimento indú.

O orgulho de sua ontogenese tartara curva-se como um elefante ás mãos de um domador, ante o inenarravel padecimento coletivo.

Esse misterio nós não o entendemos. A alma occidental, crivada de dôres objectivas, não comprehende o drama subjetivo do Oriente.

Dez mil annos dormiram sobre o coração de Vivekananda. Com uma flôr de lotus reabriu-se o musculo do sentimento, tangido pelo choro milenar das sub-raças oprimidas. O chamamento da Terra electrizou-lhe os tendões e acendeu-lhe o cerebro. O fogo triunfal da libertação, borbulhando em seu sangue, tomou-lhe o corpo e incendiou-lhe os olhos infinitos.

E o "swami" partiu no delirio extra-humano de encher com a dôr dos homens o cantaro insondavel do seu peito. Rastrelaram-se de sangue os caminhos hilstrutos. Manchas de lagrimas se eternizaram nos lagêdos dos rios e na lousa dos sepulcros. Como um profeta, levou ele, aos confins das cordilheiras, a verdade da vida e a grandêza do Homem. Como os caravellos que se ajoelham, orando a Allah, nos aereas de Biskra antes de penetrarem nos desertos, ele se concentrava nas clareiras, elevando pelo nome de Deus a força dos homens antes de ingressar nos "Kraals" da "Jungle".

Em Hatras, polsou os labios na face de Sadananda, discipulo e iluminado. Depois de adoeecer, agredido pelo veneno dos pantanos da India, teve de voltar a Calcutta. Pela enorme tenda dos Vedas, esse Dekkhan memoravel e eterno, passeiou ele, as feridas das plantas incansaveis. Viu, chelo de alegria, a unidade ethnica do seu Paiz. Mongões, dravidianos e arios, vio-os todos unidos no sentimento mistico de Bhrama. Isso exaltou ele, numa predica, aos pés de um baobah de um milenio, para os apóstolos de Baranagor.

Quando, em 1889, no Brasil se proclama-

va uma Republica de humorismos e chalaças, ele trazia de Ghazipur, uma nova intuição do evangelho da humanidade. Entrou em todos os templos. Ensinou em tocos os logares. E meditou.

Em Agra, chorou como uma criança, diante da revelação da grandêza mongólica.

Em Dayodia, num transe de poesia olimpica, criou de novo a primitiva festa emocional do Ramayana. Em Brindaban, retornou a viver a infancia de Khrishna.

E, chegando ao Himalaya, cercado da lurgia alvissima das nevadas, como um "gurú", meditou sobre os Vedas. De lá, parecia-lhe ouvir a voz melancólica de Keshab Chunder Len, aquelle mago iniciador de seu pensamento, quando uma primavera de vinte anos azuljava-lhe a alma.

Voltou do Himalaya, sempre cercado dos seus discipulos queridos. Saradananda, Brahmananda, Premananda, Yogananda, Turlyananda, Akhandananda, amavam-lhe as palavras profundas e a supercial virtude de sorrir e de chorar.

Depois do estudo, a acção. Vivekananda falou ás multidões. O seu verbo candente fincou como arcos disparados, na carne do povo descalco, a frecha de um movimento de libertação. A desgraça coletiva armou-lhe a voz e o espirito.

— "A religião não se fêz para estomagos vasio!"

Esta frase incisiva de Ramakhrishna, o Mestre, deslumbrava-lhe o idealismo. *Sede fortes e viris!* Perdôa-se a maldade quando ela é forte e viril! Porque a força que a alimenta tra-la-á muito breve para o caminho da verdade.

Assim falava o Mestre. A sua Vida toda foi um capitulo do *Paramahansa*. O seu destino foi aquele das aguilas. Olhar a Terra do pincaro para senti-la digna de Deus.

Mas esse Deus não tinha côres, nem partidos, nem differenças, nem antagonismos.

Eram os seus livros de cabeceira, a "Imitação de Cristo" e o "Bhagavad-Gitá".

Ambos diziam do mesmo Deus, da mesma força. A unidade matematica traduz no indivisivel de sua formula a noção cosmica do "swami".

Rolland sente, através da cerebração do genio renunciativo, que o rio Jordão desembocou no Ganges. Tudo é a mesma agua, feita de inumeras gotas. O conjunto é o organismo divino. Eleve-se o homem e ele se sentirá criador e criará. Dê-se o pão que mata a Fome e a Sabedoria que satisfaz o espirito e o Homem se sentirá do tamanho das estrelas dos Vedas.

Vivekananda combateu pela liberdade material e moral do seu povo. Antes de Ghandi, o "mahatma", já Narendranath Dutt, o "mahadéva", predicava aos indús a chave da alegria independente.

Pelo combate sem miserias. Pela violencia sem injustiças. Heia batalha sem covardias, nem traicões.

Educando, cultivando, alimentando, erigendo nas arquitraves de uma sabedoria pura, o monumento de uma India nova e intangivel.

Andou, como um peregrino do pensamento por todos os recantos de sua Nação.

Em Khetri, onde aprendera Sanscrito e onde o Maharajá o batizou com o nome de guerra; em Ahmedabad onde havia completado a sua cultura mahometana e jainista; em Porbandar, onde trabalhou com Trigunkita, o tradutor dos Vedas.

E em Rajputana, em Alwar, em Jaipur, Kathiawar, Junagrad, Dvaraka, Palitana, bela pelos seus templos, Baroda, Poona, Huchoow, Madura.

Por todos os lados disseminou a palavra

(conclusão na pagina 14)

ramayana de chevalier

SAFRA RECENTE

pensamento

Nestas pedras, caiu, certa noite, uma lagrima.
O vento que a secou deve estar voando noutros países;
o luar, que a estremeceu, tem olhos brancos de cegueira:
e esteve sobre ela, mas sem vêr seu esplendor.

Só, na morte do tempo, os pensamentos que a choraram
verão, junto ao universo, como foram infelizes,
que uma noite, uma lagrima levou a vida verdadeira,
com seu grito de sonho e seu tímido amor.

1934

Cecília Meirelles.

a carícia eterna

Sêdas macias,
da côr das chammas.

Sêdas macias como os silencias
Que precedem a morte.

Macias
como agonias.

Sêdas da côr das chammas vão e veem sobre os degráus
[do Templo, e ondulam
como aguas somnolentas, sobre os corpos
da multidão, que chega.

A multidão anda sem ruidos,
de passo e gesto enlanguecidos.

As suas mangas longas
lembram ondas de fumaça.

Ouve-se em tudo essa crepitação surda e soturna
que ha nos anneis de uma serpente que se move.

Pulmões que chlam,
sanguês que arquejam,
dentro da vasta sombra attenta e afflicta.

A Eternidade está de rojo
na penumbra, que estala
como o fumo do incenso.

Mas, de subito, o gongo estruge e ronca e soluça e se abysma
num signal cavernoso.

É o Templo todo cãe numa angustia tão funda
que todas as respirações se calam,
todos os sanguês páram nas arterias.

A Morte sae da sombra
e põe-se a deslisar entre aquellas cabeças...
de cabeça em cabeça...

Ha um arrepio de desgraça;
palpita no alto uma carícia eterna.

O deus dos Mortos beija a multidão... e passa...

Padua de Almeida

parábola do filho pródigo

Espio a sala quieta, reste instante.
A secretária pára os dedos no teclado.

Este cliente cheio de negocios
que fala por cifrões
e tem pregões de bolsa
em cada exclamação
me dá saudades de mim mesmo, menino.
Saudade do estudante melenudo
e lyrico
sahido do internato religioso
cheio de premios e medalhas
para a dominação da cidade reverente.

Ha muitos annos que não leio um poema!...
E ha tantos annos que não experimento fazel-os...

Tenho vontade de voltar chorando.

Vou tentar um poema!
"Amigo
Si não liquidar dentro de cinco dias
Serei forçado, a contragosto..."

Não é isso...
Eu nem sei mais ser filho pródigo, meu Deus!

Em Janeiro de 1935

Cardillo Filho.

n a r u a

Ella, de passo ligeiro,
assim, de quem vae ao trabalho,
arranca umas notas gritantes
do teclado alegre do dia.

E' a exclamação de um poema.
É a exclamação de um poema.
Um pedacinho de sól.
Espanta os olhos da gente,
que ficam como estrangeiros,
quando descem para os cães.

Brinca-lhe dentro da blusa
o corpo, que é uma inquietude.
Uma alvorada gaiata
que accorda e esbate na seda
todo o aroma de um rosal.

O sangue sóbe-lhe ao rosto
vermelho como um garoto
que subisse cantando
os ramos
de pecegueiros em flor.

E a gente fica pensando:
— O que passou foi o bando
Das manhãs todas do céu

Francisco Karam

poema

Para além de tuas retinas,
Rolam mundos ignorados
Onde anjos enormes eternamente cam-
[peiam,
Com espadas de fogo na mão.

Mas, eu irei até lá, minha amiga,
E afugentarei com palavras imperativas
Esses dominadores de teus recessos.

A transformação será esplendida e defi-
[nitiva...

E, da fusão desses mundos ignorados,
De que és feita,
Nascerá um Novo Mundo
Onde eu serei o único Senhor.

Rosario Fusco

s. francisco de assis

Quando se consumou no Calvário o
sacrifício supremo,
A cruz erguida para as nuvens escuras,
A cruz levantada, no cimo, entre plúm-
beos véus de tormenta,
E o Corpo branco que sangrava, pregado
néla,
— Jesus Crucificado uniu nesse instante
o céu á miséria da terra,
Para que os homens pudessem lavar-se
naquele sangue.
Subir por aquela cruz,
Chegar, enfim, ao céu.
Para ratificar a sua aliança,
Quiz o céu repetir, no alto de outra
montanha, o espantoso sinal,
E a um probrezinho que ensinou aos
humanos a lição da divina pobreza.
A esse que tem filhos nos suntuosos
palácios e nas choupanas humildes.
Que a reis e imperadores
Fez viverem, apesar da pompa das rea-
lezas do mundo,
De alma simples e nua,
Como deante do bispo de Assis o filho
de Pedro de Barbarone,
— Àquele pobrezinho foi confiado a
missão de assinar, pela segunda vez.
Fêsse pacto de sangue e de vida entre os
homens e Deus:
Na luz verde de aquário da silente
madrugada do Alverne,
De repente nova luz, cegadora, tornou
pálido o brilho das estrelas dispersas,
E Francisco chorou de alegria
Porque vieram imprimir-se na carne do
seu corpo despresado
Os cinco selos indeléveis do grande
sacrifício de união.

Lacerda Pinto

o homem e a terra

Sobre a terra arroteada com os nervos do homem
Sobre a terra regada com o suor do homem,
Fecundada com a carne e o sangue do homem,
O homem se inclina, maravilhado!

Na terra negra e opaca que o sol aquece e doira
Refloriu a vinha! O pão branco e virgem
Ao gosto do vento balouça os pennachos!
Fructos saborosos, doces e redondos,
Oblongos, luzidios, frescos, sumarentos,
Acariciam seu olhar guloso,
Enchem sua bocca da agua do desejo!
Nas varzeas distantes as flores polichromas
Enchem de perfume suas narinas soffregas
E sua vista dança um bailado irado
No tapete das côres...

Pensa o homem lembrando a casa tesca e humilde,
Quasi nua, pobre, friorenta e exigua:
— Quando será esse thezouro immenso
Igualmente partido entre seus donos
E aquelles que á canção da enxada de aço
Fizeram-n'a florir, fructificar?!

E a terra indifferente, rasgada em flores mil e
[em fructos mil
Abre as messes prodigiosas do seu ventre uber-
[rimo...

Eduardo Tourinho

requien

O coração dos homens empederniu.
A vida se encrespou como um mar em resáca.
Alguns espiritos ainda cantam,
Isolados e loucos na loucura immensa.

Musculaturas em tensão continua.
Braços e Maquinas no duelo da agonia.
Ó o meu grito,
O grito que eu tinha na Bocca para Deus?
Morreu como um gemido inutil.

Como mortifica a aspereza dessa luta
Universal — sem pausa e sem desfecho!
A vida, multiplicando-se a si mesma,
Carrega-nos como folhas, como espumas,
Cada vez mais imperiosa, volumosa
E irresistivel.

Num milagroso impeto de resistencia
Alguem comanda: resistamos!
Essa voz morre como um sussuro ridiculo.

Vão-nos tragar os macaréus.
Morrámos.
Mas cantemos ainda — ó loucos nus —
O nosso canto oracular
O nosso canto inouvido,
Belo, profundo, consolador,
Como um réquiem de naufragos
Na hora do sossóbro!

Wellington Brandão
Minas

h e i t o r a l v e s

Um homem sózinho. Uma revista feita intelrinha, da primeira à última linha, por esse homem solitário: — "Electrica". E como simples supplemento a um dos numeros, um livro completo... "Rythmos da terra encantada".

Heitor Alves era um Quixote sympathico, cordial, débil, e, afinal de contas, uma creança enthusiasmada.

"Verde" e "Electrica" foram dois lindos phenomenos jovens na arisca Minas Geraes. O "Verde", de adolescentes, arranhava um pouco, tinha attitudes e era fartamente apadrinhado pela "antropofagia" paulista. "Electrica", feita em Itanhandu, Minas, por um moço já dorido de experiencias, era mais puramente ingenua, de menos reserva mental, duma abundancia gesticuladora theatral.

Heitor Alves peccava por excesso de sinceridade. Tomava excessivamente a serio o modernismo, pelo menos em algumas das suas facetas, e cantou, cantou, cantou a plena voz, como fizeram tantos desta geração. Estes sem tomar certas precauções indispensaveis, não se gastavam lá muito, nas experimentações successivas e contradictorias que lam commettendo...

Heitor Alves, perdido no interior, sem companheiros, explodia em gritos exuberantes, sem medida e termo.

O movimento renovador deve-lhe esse tão pressuroso apoio e a coragem de affirmar lá tão longe que nova visão da vida e um sonho novo tinham nascido para o mundo poetico. A leitura dos seus versos, feita, agora, passado o ardor combativo surprehende: — Heitor Alves era tímido, triste. Intimamente, a vida amedrontava-o. Parecia comprazer-se em gritar bem forte... para que se lhe não ouvisse a pobre voz esondida.

Estes seus poemas extrahidos do livro *A Vida em Movimento*, façam ouvir, ainda uma vez, nas paginas de *Festa*, de que elle era amigo destemido e prezado, a voz sympathica que se calou para sempre, a 13 deste mez, nesta cidade do Rio de Janeiro.

O HOMEM NOVO accordou do somno de
narcotico
com que a indolencia do mundo o adorme-
lcera,
e abriu os olhos para a vida!

Tudo em volta era vida, movimento,
alegria, turbilhonamento, tumulto.
Na retina cansada, anesthesiada de somno,
ainda brilhavam os relampagos serodios do
dia que morrera...
a tristeza pallida das estrellas melancolicas...

Mas nos seus ouvidos os ruidos encantado-
ramente sonoros de um mun-
do novo tumultuavam.

Os canarios, sarcasticos, sorriam...
de seu somno interminavel de crianca tar
dia...

A madrugada clara, limpida, ruidosa
cantava na alvorada de um dia promissor!
O HOMEM NOVO rasgou as palpebras num
impeto!

E abriu os olhos para a vida: — O SOL! —

Do bodoque do impeto arremessou-se ao
vôo...
Vôou!

Rasgou as azas na tesoura do vento
e cortou o espaço...
De uma nesga de panno azul trouxe retalhos
finissimos

das nuvens altas.
Como deve ser lindo, p a s s a r i n h o,
o ninho feito de pedaços do céu, todo ren-
dado!

Dorme... sonha o sonho das nuvens
altas...

Que em breve, de cada esphera branca,
florirá, num canto lindo de fecundidade,
uma estrellinha de ouro de tres pontas.
Eirão contigo, cantando, pelos ares...!

palavras ao vento

Vento peralta,
que andas, na noite,
de rua em rua,
assobiando á tóa,
todas as portas se fecham com estrondo,
quando tu passas.

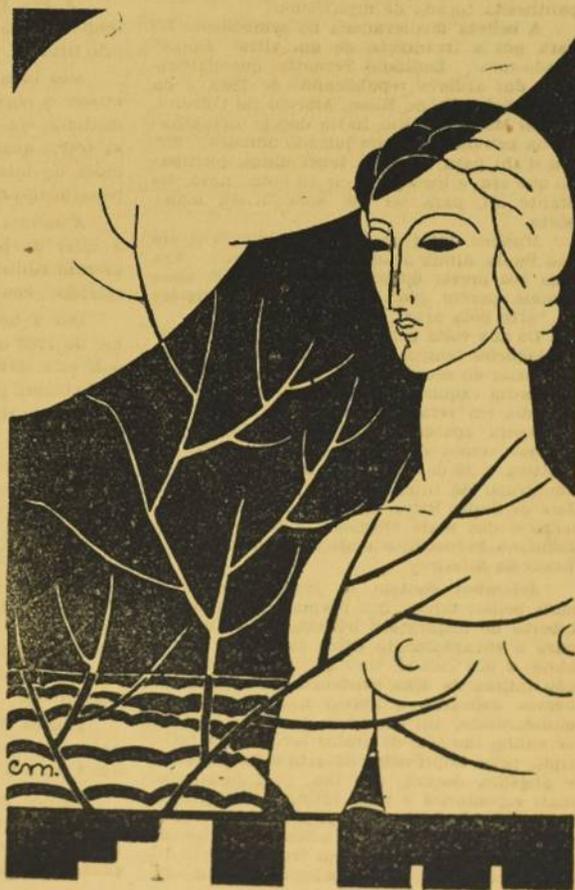
E ha boccas que te exconjuram nos interiores...

Vento vadio,
abro-te a porta, entra!
e enche a minha sala do teu ruido
e dança em torno de mim
a dança doida que dançavas
lá fóra,
na orgia da selva,
com as arvores bebedas de somno

Quero me divertir,
vento estroina da noite:
meu coração andou correndo,
em busca de amor,
toda a cidade,
e toda a cidade lhe bateu as portas.

Eugenio Gomes

Desenho
de
Cecilia
Meirelles



SETEMBRO

poemas de emiliano pernetta

Livro posthumo, publicado nas edições "Festa", o intenso orgam literario de um grupo de poetas e pensadores modernos do Brasil, *Setembro* vem trazer á mocidade intellectual de agora a ardente e original floreação de um grande poeta, pouco lembrado neste momento vertiginoso e medlocre de cambios e politica.

Quando a vaga rebelde da arte symbolista transbordava do século XIX para o actual, entre nós, soprada da França pelos *Poetas Malditos*, de Verlaine e outros inquietos da renovação esthetica, Emiliano Pernetta foi, após Cruz e Souza, a tuba mais emocionante do verso no Brasil.

Paralelamente ao movimento do Rio de Janeiro, capitaneado pela musa excepcional do Poeta Negro e por essa outra mentalidade, original tambem e mais complexa, que foi Nestor Victor, ergula-se entre a "paisagem grega" da terra paranaense a mesma corrente literaria, com origens directas na legião *fin de siècle* de Paris e de Lisboa, com as primeiras edições de Mallarmé, Rimbaud, Maeterlinck, Antonio Nobre, Eugenio de Castro. Curitiba era a Athenas desse ressurgimento, com um hausto de beleza tomado em represalia á tragedia brutal que a torceu em crêpes, da revolução de 1893. Tal qual o symbolismo francez, brotando da alma refeita dos vencidos de 1870, porque a victoria espiritual ainda era da França. Em 1895 criava-se a revista *O Cenaculo*, que em breve concentrou as energias intellectuales da capital paranaense, desdobrando-as em horizontes mais vastos, ao calor das ideias então despertadas no scenario da arte ocidental.

O Cenaculo era dirigido por um occultista, Dario Velloso, um satanista, Julio Pernetta; um romantico, Antonio Braga; e eu, um panthelista tocado de mysticismo.

A beleza medievalesca do symbolismo foi para nós a irradiação de um vitral, empolgando-nos. Emiliano Pernetta, que participou dos ardores republicanos de 1869, e da turma bohemia de Bilac, Alberto de Oliveira, Pardo Mallet, no Rio, havia depois mergulhado na penumbra de um juzado mineiro. Sahlú d'ahi para tornar á terra natal, coritiba-no que era, e incorporou-se ao credo novo, vibrante ali, para ser em pouco o seu maior poeta.

Musicas, livro de estrea, publicara-o, em São Paulo, ainda academico de direlto. Era uma voz previa do parnasianismo, com alma demais, porém, para enquistar-se na rigidez da "arte pela arte".

Da sua volta pelos *caminhos de San Thiago* daqueles tempos, ficaram-nos *Illusão*, livro primacial do seu estro de "poeta raro" *Alegoria*, prosa exquilita e suave; *Pena de Talião*, comedia em versos de requintada estrutura.

Agora aparece em volume, *Setembro*, os ultimos versos do grande artista morto em Curitiba, a 19 de Janeiro de 1921. Publica-os um grupo de intellectuales amigos, á frente, José de Santa Ritta, um contemplativo de talento e dos mais chegados á intimidade de Emiliano Pernetta, e mais Andrade Muricy e Tasso da Silveira.

Setembro contem os mais pessoas, e mais bellos, talvez, dos poemas de Emiliano. Liberto de inspiraões livrescas, todo voltado para o encantamento lirico da cidade cortibana, a sua cidade, com que povoava a solidão intima de uma existencia de solteiro, de nervos delicados e avesso aos contactos do mundanismo, ahi construiu sua obra poetica, de cunho tão seu, de ansias incisivas, a principio, pelos imprevistos da arte e de profunda e angelica doçura, por fim, pela inspiração mais espontanea e mais formosa dos ultimos poemas. Andrade Muricy, precioso analysta, com alta percepção da beleza, deu-nos, de Emiliano Pernetta, um bem traçado perfil literario, em 1919; e em palestra publica, im-

pressa em 1930, fez uma fremente evocação da personalidade singular do poeta, fazendo-o *viver*, como diria Papini, expando a sua eloquencia de *causer* admiravel e o seu ar irrequieto de nervoso. Cruz e Souza não tinha horas vagas para a vulgaridade da existencia, o que lhe tornou a vida, já precaria, mais dura e amarga; Emiliano poderá blindar-se melhor para o combate. Disponha de recursos materiaes e, jornalista, professor, magistrado, facil lhe foi sonhar com mais liberdade; e para fazel-o mais completamente encastellou-se no sereno bucolismo da cidade natal onde se constituiu o farol orientador de caminhos a gerações mais novas, tanto se impunha a sua grandeza mental. E como o poeta Negro, Emiliano era tão integrado nos seus versos, pela continua exaltação de espirito, que nelle, obra e autor, foram um todo inteiriço. Do seu antigo *bizarrismo dá bem conta este*

FOGO SAGRADO

Ao pôr do Sól — que é uma falúia
De véia para o Pesadello...
Calção de rendas amarello,
Fino gibão, cabeça nua,

Ell-o! Não sei que setestrello
Cobre-o! Não sei que azul fluctua!
Montado n'um ginete em pello
A par e passo com a lua!

Seguiu, ligeiro, ligeiro;
Fassam cavalo e cavalleiro
Um rodamolinho de escarcéos!...

E' como um cyclone violento!
Olhai!... Que vão o Sól e o Vento
Arrebatal-o para os Céos!

Azar, Hymno ao Sól, Esse perfume, Dom João, e outras peças mais, de inesperada beleza, opulentam as paginas de *Illusão*. *Setembro*, que dá o nome ao livro posthumo, é um cantico impregnado de quanto ha de luz, de aromas, de sorrisos, em a natureza do plano paranaense, e em tal frescura de alma que enerbria como um vinho claro e capitoso. *Hercules* são nervos, movimento, haustos de mocidade, esculpindo a força olympica do deus helleno. *Por Maria, Oração da manhã, Oração da noite, Quando Jesus nasceu*, que fecha o livro, são poemas para serem lidos em actos de contricção e de encantamento espiritual, tão bellos de realidade humana, das realidades do coração, e com transcendencias de paginas liturgicas.

Setembro, o livro posthumo de Emiliano Pernetta, vem acordal-o na memoria dos que sabem sentir e amar a gloria dos Poetas; elle que foi um dos maiores celebrantes do verso no Brasil.

silveira netto

definição do modernismo brasileiro

Sobre o movimento modernista, no Brasil, o unico livro que existe é a "*Definição do Modernismo*", de Tasso da Silveira.

"A Era Futurista que passou"... de um senhor de São Paulo não interessa pelo proprio titulo...

Não importa que se finja por aí desconhecer a obra de Tasso. Todos os conceitos emitidos, em torno da poesia moderna de nossa terra, quando não concordam com as opiniões do interessante *Fifinho*... repetem o pensamento do poeta do Paraná.

A minha geração, infelizmente, ou anda a falar da poesia proletaria como unica expressão contemporanea, ou continúa a "ouvir estrelas", com Bilac...

Daí a necessidade da leitura deste volume de 1932 que, ainda, palpita de atualidade, pois esta serenidade de ritmos em que entrou a novissima poesia já se revela no livro, quando se trata da "terceira corrente".

Tasso da Silveira, antes de tratar propriamente do assunto, tão valioso para o futuro, porque, documentado, desenvolve seu pensamento acerca do movimento simbolista, que nem todos os criticos souberam penetrar e ver, que deste ambiente verdadeiramente espiritual é que surgiram Graça Aranha, Euclides da Cunha, o exquilito Augusto dos Anjos; Farias Brito, nosso unoco filósofo; Alberto Torres, o encaminhador das soluções dos nossos problemas e a figura revolucionaria de Jackson de Figueiredo.

Poucos viram como fator relevante, na reação espiritualista do Brasil, o movimento de que Cruz e Souza é o chefe.

Parece mentira que é sempre revelação para esta terra de Cabral tratar-se do mais poeta dos nossos poetas — o negro Cruz e Souza, que tinha a nostalgia das brancuras...

B. Lopes, Silveira Netto, Gonzaga Duque, Emiliano Pernetta...

Ora, entrando nas tres correntes que romperam com os ritmos cançados: — a primeira — a dos dinamicos, filhos da Europa e de Graça Aranha; a segunda — a dos antropótepos, de que Polin é idolo e gula e a terceira — a espiritualista, demonstra *documentadamente* a existencia desta terceira corrente que, para Tasso da Silveira, Tristão de Athayde, desconhecia e reclamava, na sua ancia de ver como incluso critico que era, a poesia marchar para os seus legitimos rumos.

De fato, o simbolista indagou, disse das sombras que annuclavam a tempestade — a Guerra... E uns modernos quizeram esquecer as consequencias da Guerra e mandaram que os motores accionassem para não ouvir o rumor das proprias angustias... Outros quizeram desconhecer que houve a Guerra... vamos começar do principio... gente de fóra entrou, trapaiô... Outros, porém não desconheceram a Guerra, mas procuraram os novos ritmos latentes em nosso sangue e em nossa raça. E a esta gente pertencem Gilka Machado, o proprio Tasso, e Murillo Araújo e ainda outros, que souberam cantar o mais novo dos cantos novos.

Os poetas modernos citados, Tasso os julga com justiça. Os prosadores, tambem. Barreto Filho, Andrade Muricy, Adelino Magalhães...

Nestas notas rápidas, eu não posso dizer como devia. Mas *Fifinho* por aí já sabe que não são os milhares de filhos de Osvaldo de Andrade, espalhados de Norte ao Sul, os únicos modernos. Porque a Poesia do tempo é aquela em que o artista, voltou a ter "os olhos adolecentes e se encantou de novo com a Vida... Todos os homens o acompanharão!

orlando carneiro

meia hora com cecilia meirelles e correia dias

retrato feito ao regresso

Encontro Cecilia Meirelles de retorno de viagem longa: algumas capitães do norte, o Atlântico de occidente a oriente, o velho jardim à beira-mar. A viagem é um renascimento, todos sabem. Em Cecilia Meirelles, foi um grande vento leve alteando a fogueira da montanha. Que surpreendente figura, a desta cantora espiritualíssima e humaníssima. Que surpreendente figura de poetisa e de mulher. É preciso mandar para as forjas do espirito todas as imagens, todas as allegorias, todas as expressões de que dispomos para que outra vez sejam fundidas e moldadas e venham com um timbre novo inaudito, — se quisermos dizer, com aproximada justeza, de Cecilia Meirelles. Ella é, de facto, como affirma num de seus poemas, a que dá ás palavras outra pronúncia. Isto é, outra profunda effcácia expressional, outro ardente e transcendente sentido. Não ha olhos que vejam com mais frescor a belleza de tudo. Nem alma que tão fundamentalmente se embeba nas coisas, e as entranhe de si mesma, e as fecunde de sua propria spiritualidade.

Encontrando-me com Cecilia Meirelles depois da viagem, não falei. Fiquei a ouvir-a, apenas. A ouvir as suas mãos, a seus olhos, a sua voz. A ouvir-lhe o ser integralmente. Nella a unidade humana parece-nos mais perfeita do que nas demais criaturas. Ali não ha corpo e alma. Ha uma realidade única, em que alma e corpo são indiscerníveis um do outro. Não se sabe se a poesia surge da interioridade recolhida ou se do gesto exterior. Da lembrança guardada no recesso do espirito, ou da máscara móbil. Da palavra, que é rio fluindo de fonte occulta, ou do estremecimento das linhas corporaes, construindo-se e reconstruindo-se em mutação perpetua de desenho aos nossos olhos. Cecilia dis das paisagens, dos seres, das cidades que viu. As mãos, os olhos, a bocca operam, ágeis, o milagre. Inverte-se a realidade. O caminho que ella percorreu, percorre-nos por sua vez. As paisagens, os seres, as cidades vêm a nós. Vêm illuminados do deslumbramento da poetisa. Ou deformadas de ironia. Uma ronda de sonho e pittoresco. Aguas surdas de encantamento correndo no amago do que somos. E diante do nosso olhar, que voltou á adolescencia,

o espectáculo da chamma que perennemente nasce e renasce de si-mesma, propoendo-nos, num symbolo visível, á alma aturdida, o enigma fundo do espirito criador.

No instante em que fala, Cecilia Meirelles como que chama a si toda a belleza que já produziu. Os poemas de dez annos atraz ou de hontem accorrem com o seu prestigio fascinante, e de momento a momento accendem mais a labareda. Vêm as imagens herméticas ou límpidas, as resonancias estranhas, os rythmos ardentemente novos, os pensamentos inesperados de todos os seus canticos de alegria, de soffrimento ou de amor e tombam como um oxygenio dentro da chamma, e desfazem-se em faulhas innumeráveis. E a chamma cresce e queima, e suffoca em torno o ultimo alento e destróe a ultima fibra de tudo o que não seja o sonho que ella evoca, ou, antes, que prodigiosamente re-cria, para encher outra vez o vazio do mundo.

T. S.

O casal Correa Dias mora num local surpreendente e pittoresco. O morro de São Claudio não vale o de São Carlos em celebridade. É mais incolór, mais urbano, porém a proximidades do "morro" authenticco, com as suas "macumbas" e "escolas de sambas", annuncia-se alli claramente. De volta da casa dos Correia Dias, já topámos com um completo "despacho", de vella accessa e gallinha preta, no elxo da encruzilhada inferior da rua de São Claudio.

É nessa rua que Cecilia Meirelles e Correia Dias têm o seu lar e a sua officina de trabalho. Do terraço da casa, descortina-se todo o Rio de noroeste, enorme, e tocado de fascinação feérica, á noite. A casa é um pequeno solar, cuja atmospha interior deixaria totalmente perdidos e depaysés os letrados convençionaes, por um lado, e os cabotinos arrivistas, por outro.

Nenhuma falsa gravidade, antes uma bella liberdade e um espirito ágil, mas, tambem, nada de affectações opportunistas. Livros e desenhos. Dentro dalgumas gavetas estarão os numerosos livros inéditos da insigne poetisa brasileira Cecilia Meirelles. Em grandes pastas, centenaes de croquis, de gravuras, cartões para tapetes, cartazes, estudos para ceramica, illuminuras, o mundo magico e sereno da imaginação plastica do insigne portuguez Correia Dias.

Ultimamente este fol tornar a vér a sua terra, della ausente ha vinte annos; a sua esposa, conhecer o velho berço da raça.

As velhas paredes, de alto-pé direito, erguiam-se sobre largo friso de livros. Sobre a longa estante, objectos de arte. Pela porta aberta, via-se a grande luminária da cidade, diffusa na chuva rala.

— "Vi um luar, em Lamego. Sobrenatural. Mas qual, o Lamego é que era sobrenatural. Tudo proprio, duma propriedade singular, irresistivel. Uma antiga cidade, pequenina, toda de ladeiras toscamente calçadas, e, no centro, o castello. Alli sente-se o que quer dizer o caracter "historico" O passado integro, conservado, parecia, pelo frio terrivel que fazia.

Era um ar *sui-generis*, uma sensação unica. E que, graça naquillo tudo, visto, assim, ao luar. Parecia não ser possivel mover uma só pedra, mexer em nada. Tudo perfeito, inteirinho, acabado e requintado. Uma alma de sensível tranquillidade romanesca."

Cecilia Meirelles está de olhos animados, como sempre allás. Estas notas: sombras infleis, que não tentam recompor o prestigio-so monólogo.

Passa a lembrar Guimarães:

"Como si tivessem feito esboçar a montanha sobre a grande planicie. Guimarães aninha-se entre os blocos erraticos, paisagem primitiva, que lembra a tradição druidica, gael e os celtas.

"... Coimbra. Lá encontrei uma ardente geração moça: o bello grupo de *Presença*. E vi o Mondego cheio. Vi Coimbra inundada, o que póde parecer inverosímil. Aquelle Mondego, fugidio como os nossos rios do Nordeste, ou como o indigente Manzanares, de Madrid, fez-me a gentileza de mostrar-se-me em todo o seu esplendor. Estava terrivel. Em torno da colina celebre, coroada pela millenaria Universidade. Tudo dentro d'agua. A agua do pudico Mondego.

"Morava no Estoril. O ultimo combolo de Lisboa estava a partir. Mal tive tempo de tomar um taxi e de tomar logar no wagon. Logo dei pelo esquecimento: — deixára (onde?) o casaco verde, do vestido, que tinha levado ao braço, ao sahir da festa em que estivera. No taxi, talvez. Não lhe sabia o numero. Mal reparára na physionomia do "chauffeur". O combolo parava num apeadeiro, cinco minutos após á partida, e isso por um minuto apenas. O combolo parado, um automovel ultrapassou-o, quando já tornava a andar. Mal tive tempo de reparar, e cahia dentro do wagon, perto de mim, o casaco de seda verde...

— A honestidade proverbial...

— "Maravilhoso. Aconteceram-me outros casos, não assim notaveis mas interessantes. Lembra-se, Fernando, daquelle guia que nos deram quando viajámos para o sul? Um caso terrivel. Tarde já, num dia escurissimo, de tempo aborrecido. Desembarcámos na estação e foi-nos apresentado o homem. Muito sério e de poucas palavras. Funcionario ferroviario. Cerimonioso. "Vão ter de demorar tres horas aqui, explicou. É pena porque isto é muito triste. Não tem nada que ver."

Não concordei, polidamente.

— "Vamos passear um pouco".

— "Não ha que ver. Não ha passeio. Poderão, porém, vir á minha casa tomar um café."

(conclue na pagina 10)

meia hora com cecília meirelles e correia dias

(conclusão da pagina 9)

— "Isso o incommodará e incommodará a sua familia."

— "Faço questão. Casa de pobre..."

— "Bem, iremos. Mas nem avise a sua senhora."

— "Está bem."

Subimos por uns caminhos íngremes e enlameados, e chegámos á casa do nosso amavel guia. Sentámos á mesa. Como a senhora não fóra avisada, foi para a cozinha aviar o café.

— "Estão em sua casa. É uma grande honra receber pessoas celebres. É uma grande coisa ser celebre."

"O tom da palestra deixou-me perplexa. Não achei outro recurso que não o de fazer uma modestia constrangida. Que não era tanto assim. Que não se podia viver tranquillo. Que eram só incommodos, na vida publica. Que era preferivel viver obscuramente num pequeno centro ferroviario perdido. Muito melhor não andar em contacto com os grandes da terra. E outras coisas assim importantes, e afinal, horrorosamente immodestas. Mas o homem não queria convir em que não valia a pena ser celebre.

O café chegou, mas nosso hospedeiro disse á mulher:

— "Não tens alguma coisa solida? Elles estão fatigados da viagem e vão ter de viajar novamente daqui a umas horas."

Protestámos energicamente: — não tinhamos fome, e pretendiamos, opporunamente, jantar.

O homem trocou um olhar com a esposa:

— "Temos uma excellente carne de porco fria. Podem provar um pedacinho. Não enche e ajuda a esperar."

Consentimos.

Veiu a carne de porco fria. Em meio do trabalho que ella nos deu a mulher lembrou:

— "Temos alli umas boas batatas cozidas."

— "Não. Não é possível. Não vamos comer, pois, depois não poderíamos jantar."

— "Mas forram o estomago. Sabem lá o que irão jantar?"

Vieram as batatas cozidas, porém a mulher não estava satisfeita, com a carne fria:

— "Temos ahí uma carne de porco quente, muito boa."

— "Não podemos comer mais, minha senhora. Já abusámos até."

— "Vae buscar a carne."

Veiu a carne de porco, quente.

O homem falava, gravissimamente, das grandezas do genio e das delicias sublimes da vida de notoriedade.

Approximava-se a hora da partida. Jantaramos abundantemente... como si não jantassemos. Jantaramos por insidia e calculo do nosso soturno admirador.

Elle escamoteara-nos, calculadamente, o nosso "jantar em sua casa". Jantar áquellas celebridades, que o Governo lhe encarregára de acompanhar ao Aveiro. Tomei-lhe um medo vago. Ia ser noite fechada.

Estavamos pesados do jantar substancioso em excesso. Iriamos, inevitavelmente, ter somno. E ter de conversar solemnemente com tal compenetrado guia. Impossivel.

— "O Sr. tem que cuidar da sua vida. Tem as suas obrigações. Não vae deixar sôzinha a sua senhora. Ficamos-lhe gratissimos por tudo, e é como si nos tivesse acompanhado até lá em baixo."

— "Pois não; pois não. Como quizerem."

Ao sahirnos elle vestiu o sobretudo.

— "Mas não precisa ir!"

— "Irei só até á estação."

Fôsse como fôsse, o que eu temera reallizou-se. E lá estive eu, longas horas nocturnas, ao lado de Fernando que, rancorosamente, dormia, e do homem, que, confidencialmente, longa, longamente, consentiu em dizer que tambem amava a gloria, que escrevia a "correspondencia" de sua cidadezinha para um jornal da capital.

"De volta, andei vendo coisas nossas. Victoria, por exemplo, é uma linda cidade. Pequena, muito menina. Sente-se que será *alguma coisa*. Dalli sahirá *algo*. Uma graça viva.

"A Bahia. E' incrível como fiquei querendo bem á Bahia. Nunca vi terra igual. Perfeitamente. Nasceu feita. A palavra *symphathia* sahiu da fórmula direitinho para a Bahia.

Um mar magnifico, e depois a gente vae entrando pelas ruas mais amaveis do mundo. Cada uma que se apresenta parece chamarnos, como boa companheira: — "Vem cá, meu bem!"

"Meu bem" é a expressão que contém a alma bahiana. É um acolhimento por tal modo total que deve representar algum phenomeno social e psychologico mais profundo e ainda mysterioso.

Hoje, cidade limpa, cidade moderna; mas a Bahia actual tem, sob a alma desportiva de hoje, o bom ademan colonial, e a desenvoltura faceira da authentica moça brasileira. As ruas, as casas, o ar, o mar, as gentes, tudo suggere um cheiro saboroso de especiarias e as lentas e sacudidas dansas de Africa.

Aquillo representa uma *cultura*, na accepção propria do termo. Si não, não sei o que *cultura* possa significar: por que cultura é isso, como escreveu Nietzsche: "uma unidade de estylo."

Cecilia Meirelles é autora de desenhos que fixam intelligentemente as dansas chamadas "bahlanas". Sua exposição de "bahlanas", no anno atrazado, foi um successo.

A sua poesia, alta e severa, quasi ascetica, é inteiramente escoimada, apparentemente, de quacsquer dos rythmos barbaros que ella adora. Lá estarão elles, talvez, transfigurados por imperceptivel sublimação.

A sua collecção admiravel de desenhos illustrando sonetos de Cruz e Souza, o negro de genio, mostraram-na interpretando alguns mysterios da insondavel mysticidade negra, que transcende dos blues americanos e dos nossos sambas.

Dahi a Bahia, impregnada de pittoresco, afro-americano, e da bonhomia infinita do Tropico, tel-a promptamente seduzido.

Cecilia Meirelles e Correia Dias voltaram

semana "emiliano pernetta"

Curityba sempre soube prezar eminentemente a vida intellectual. Houve tempo em que todo o Brasil habituou-se a considerá-la uma das suas metropoles espirituales, sobretudo quando ella se apresentou ao palz como o mais intenso *foyer* do Symbolismo.

A belleza suave do scenario natural, um ar leve e crystalina, pomar e jardim, Curityba tem a graça festiva e a seriedade das cidades predestinadas. Só lhe falta o prestigio da Historia. Sente-se, porém, que a Historia está alli em potencia, a sua Historia é o seu futuro.

Emiliano Pernetta foi o seu grande poeta, a encarnação, em pureza, em agilidade, em requinte, em simplicidade da alma numerosa de Curityba e do joven Paraná.

Multiplo, deliciosamente contradictorio, foi o "Mistral Paranaense", como disse Murillo Araujo, um Virgilio americano, como affirmou Hermes Fontes. O seu grande amigo José Henrique de Santa Ritta, que tambem o foi de Cruz e Souza e de Nestor Victor, veiu ao Rio promover, com esta revista, a publicação do volume posthumo do poeta: — "*Setembro*", um dos mais bellos livros do symbolismo brasileiro. De volta a Curityba, lançou triumphalmente aquella obra. Curityba soube honrar as suas nobres tradições. Deu o nome de "Emiliano Pernetta" a uma das suas principaes ruas, a do Aquidaban. Os aviões do Regimento de Aviação lançaram cincoenta mil impressos com o retrato do poeta, levando a legenda "Lembrae-vos de que Emiliano Pernetta foi o maior poeta do Paraná", e, transcripta, a magnifica "Oração da Manhã". Isso, e mais: sessões commemorativas, romaria ao tumulo do poeta, homenagens em todas as escolas, em todas as associações; exposição de obras, autographos e objectos de uso de Emiliano; romaria á herma do poeta, na praça General Osorio; além dum vasto e completo movimento jornalístico; tudo constituiu o que foi intitulado "*Semana "Emiliano Pernetta"*", de 19 a 24 de Janeiro, iniciativa que honra, mas em verdade honra a mentalidade e o caracter paranaenses.

para o Rio de Janeiro com fortissima impressão de terem tornado a imergir na vida complexa, na vida ardua, mas vida cheia e que merece ser vivida, a deste mundo cahotico, anarchico, incommensuravel e fascinador que é o Brasil de hoje.

Isso, depois duma excursão preciosa pelas regiões do passado d'além e d'aquem Atlantico. A inapreciavel pátina da aventura, a redolrar os olhos claros da grande poetisa.

andrade muricy

A' S O M B R A

do komsomol

O livro que publicou o jovem escriptor alemão Klaus Mehnert — "La Jeunesse en Russie Soviétique" — é dos melhores que se tem escripto sobre a Russia.

Sympathico ao regime soviético, sem o querer entretanto implantado em outros países, pois o considera uma necessidade russa, considera a Russia uma segunda patria, nella tendo vivido multos annos, entre os jovens, dos quaes participou a vida, auscultou a alma, estudou as preocupações, conhecedor profundo que é da lingua.

O joven domina a vida russa. A' guiza de prefacio ha nesse livro a nota de que "na Russia Soviética vivem cem milhões de moços de menos de 25 annos".

É mesmo como se sabe a preocupação dominante na Russia a criação de um homem novo, um typo ethnico completamente diferente.

Mas o que é chocante, logo á primeira impressão, é a pequenez desse homem que a Russia procura plasmar. Pequenez de sua estatura, e pequenez do papel que cada um representa.

A nova organização social fazendo do individuo presa do Estado, redu-lo á função de simples dente de uma formidável engrenagem.

Não existe a vida individual, pode dizer-se.

Ao tempo em que o jovem russo faz os seus estudos, deve pertencer a um organismo autonomo o Komsomol que é o encarregado de, não só dirigir os seus passos, orientar a sua actividade na effectuação do plano quinquenal, como tambem zelar por elle, saber das suas necessidades, substituir-se a elle nos seus desejos e ambições pessoas. Ha um flagrante apagamento da individualidade nessa absorção ao collectivismo integral. Mesmo fóra do Komsomol, nos restrictos momentos de folga, o jovem não tem ainda o direito de ser elle mesmo, sósinho, de meditar, amar ou simplesmente repousar. Nas communas, onde moram promiscuamente, uma infinidade de questiunculas referentes á vida collectiva, á administração domestica, contribuem de modo identico para destruir tudo o que ha de pessoal, intimo, que o homem do occidente possui no mais alto grau, e do qual é tão cioso.

Na estandardização a que tende a vida russa, e para a effectuação maxima da qual a pedagogia soviética se esforça, de nada valem as diferenças que os homens apresentam. Ao contrario, o que ella procura é desfazer essas diferenças. Quer produzir homens como se constroem automoveis. Os mesmos sentimentos, as mesmas idéas, as mesmas preocupações — collectivismo, plano quinquenal — os devem animar.

Sympathizante do regime, Mehnert cita, a fim de mostrar-lhe as excellencias, um trecho de "Pão", drama de Kirschow, jovem e excellente escriptor popular, no qual elle mostra um revolucionario, que, depois de uma longa estada no estrangeiro, se tornou sceptico e

inquieto, deante da vida collectiva, apparecendo incomprehensivel aos seus velhos companheiros, porque não tem mais forças para deixar o partido, com medo da solidão.

"Imagine, diz Rajewski a Olga, uma multidão, uma multidão igualizada, estandardizada, com gravatas da mesma cor. A multidão avança na mesma direcção, pronuncia as mesmas palavras, as palavras que lhe ensinaram... Eu não quero ser estandardizado!... As vezes reflecto com desgosto que ponho sempre a mesma gravata que os demais. Ha, porém, algo mais horroroso. Imagine, Olga, que a multidão caminhe sem voce. Voce fica só, com seus pensamentos e suas duvidas. E as columnas avançam, avançam, e a deixam atraz. Repetem as suas exclamações, cantam as suas canções. E ninguem se volta para V., e o ruido de seus passos iguaes tem uma significação inexoravel. Eu não posso deixar a columna, não posso ir-me embora. Tenho necessidade de sentir um hombro á minha direita, outro á minha esquerda. Necessito de que alguém me mande. Necessito de um laço que ligue as diferentes partes do meu eu. Caminho e morro com todos os outros. Combato pelo partido. Eu sou um soldado."

Este drama de propaganda da vida collectiva, sae-se um requisitório impiedoso contra a mesma.

Que de exemplo mais notavel do funesto resultado a que invadirá em breve toda essa estrutura! É o panico da solidão, que sente a alma depois de dissociada de si mesma, desinteriorizada, entrovertida.

Ha uma reacção que já se nota do individuo contra o collectivismo, expressa num desejo de solidão e de liberdade, aqui, como em diversas outras entrelinhas desse livro notavel. Mas esta reacção fica impossibilitada por esse terror da solidão, da alma que, ao voltar-se para si mesma, encontra um immenso vazio.

Não pode ser outro senão de piedade o sentimento que desperta em nós, ao ver declarações como a de um jovem, citado por Mehnert, que diz estava fatigado, e queria viver só. Estava deprimido e já cansado de collectivismo. Na Universidade, ha uma collectividade; em casa, uma collectividade. Queria estar só.

Ha um geral desejo de solidão, de vida individual, manifestado pelos jovens. Parece estarem descobrindo a vida pessoal, a unica verdadeiramente superior, criadora, essencialmente espirito — (Espirito, não no sentido dos diversos espiritualismos, nem tampouco no de simples synonymo de intelligencia ou raciocinio).

O ruido das usinas, o lufa-lufa intenso da vida exigida pelo Estado, não conseguirão jamais abafar os sentimentos naturais, eternos, que habitam a alma humana.

A estandardização, ao contrario do que fóra de esperar, não trará, por certo, a annullação da individualidade, do poder criador, mas o tédio e depois a revolta, do instincto da vida, indissolavelmente ligado á noção da liberdade, contra o que lhe suffoca o elan. Como dizem excellentemente Dupuis e Alex. Marc, a educação soviética, que não dá nenhuma attenção nem respeito ao que ha de irreductivel e insopitavel na natureza humana, para conseguil-o terá de destruir as antenas do coração e do espirito, essas antenas que são ligadas á carne e á substancia do homem, de modo tão indissolavel, que não é possivel suprimil-as sem annullar as fontes mesmas da vida.

Não me é possivel comprehender a Russia actual senão como uma etapa. É um grande laboratorio de experiencias sociaes. Tudo lá é transitorio. Lá, como em todo o mundo, nessa angustiosa phase de reconstrução, nesse "tournant" da sua historia, se plasma a sociedade futura, cuja physionomia não nos é dado ainda prever qual será, em definitivo, embora já se distingam alguns traços.

A Russia marxista, reagindo contra a sociedade burgueza racionalista, serve, por outro lado, para nos mostrar que a vida não é sómente o materialismo que ella prega.

Procurando elevar-se contra o supra-racionalismo, não se pode evitar o exagero opposto, a que se deixou cahir — o super-materialismo — sexual e economico.

Falsa é a sociedade supra-racionalista, a sec. XVIII, mas falsa tambem a super-materialista, a Russia Soviética.

A vida não é só a intelligencia, a razão, o racionalismo, que considerava indignas as outras funções organicas. Mas a vida não é tampouco sómente o estomago ou o sexo, como querem os apóstolos Freud e Marx. A vida é tudo isso, e mais alguma coisa. E tem a sua grandeza a ser respeitada, as suas necessidades a serem ouvidas, as suas misérias a serem veladas.

A tendencia do pensamento actual é esta para considerar a vida total, o homem todo, integral, completo, a pessoa humana, na sua originalidade, responsabilidade, liberdade, espiritualidade, em summa.

Um personalismo espiritual nasce da fermentação fecunda que se processa no mundo.

— Setembro, 1934. —

afranio coutinho

BIALIK

sertão de inverno

Nós, frequentemente, julgamos descobrir no canto dos grandes poetas a ressonância dos séculos perdidos. E assim lhes atribuímos a função de porta-vozes das gerações inumeráveis do passado. Mas, caberá, na verdade, tal atribuição, — pelo menos no Ocidente, — a um poeta de outra raça qualquer que não essa formidável raça judaica? Parece que ha razão de duvidarmos. Porque só dentro da perfeita unidade étnica mantida ao prodígio de tenacidade dessa raça, através dos milênios, é que podemos conceber a continuidade de um infinito soluço íntimo, rebentando por fim nas cantigas de um poeta. As outras coletividades raciais do Ocidente como que vêm renascendo outra vez. Interromperam toda comunicação com a alma das origens. Não são mais a realidade primitiva continuada, mas sim, productos de enxertia, precipitados resultantes do grande processo de fusão de sangue que se opera no mundo. Dos seus aedos não podemos, pois, dizer que interpretam a ansia das gerações desaparecidas.

De um bardo, porém, daquela raça única podemos-lo afirmar com segurança. E' o que sucede em relação ao maior poeta judeu deste momento. Haim Nahman Bialik é uma voz da amargura milenária.

Aliás, se nos falhasse aquela reflexão biológica, ainda nos ficaria elemento suficiente para sustentar a afirmação. Bialik é reconhecido pelos judeus desta hora como um supremo representativo. "Na poesia hebraica moderna, informa-nos Ovadia Camhy, seu tradutor, Haim Nahman Bialik ocupa o primeiro lugar. Conquistou-o pelo seu talento, pela sua sinceridade e pela sua percepção intuitiva da alma popular judaica. A união destas qualidades fez d'elle o poeta nacional, titulo que brotou espontaneamente da unanimidade hebraica".

Ora, á luz deste dado é que, para uma intelligência cristã, a obra de Bialik toma um sentido impressionante.

Bialik é um dos mais altos liricos hodieiros. Mesmo através da tradução francesa dos seus poemas, a complexidade dos seus recursos e a profundidade da sua inspiração se patenteiam. Ha, nesses poemas, acentos biológicos directamente oriundos do espirito profético da raça. Ha, se assim se pode dizer, acentos whitmanianos, nascidos do tumulto do presente. E ha ainda todo um puro rumor lirico vindo do coração humanissimo do poeta, tocado dos magnetismos de beleza das coisas deste mundo. Mas, da polifonia daí resultante, destacam-se claramente, como timbres diversos de dois instrumentos em contra-canto, a afirmação da intelligencia, no sentido da fe tradicional hebraica, e contrariando-a, negando-a, dissolvendo-a por vezes, a afirmação do sentimento amargo, que uma provação milenária desviou para o ceticismo, o desespero, a dúvida...

Num poema de juventude, Bialik ainda assim se expressava:

"... a vida toda se inunda
De Deus e de sua voz, voz interior, profunda..."

Este canto, porém, de fé confiante bem logo emudeceu nos lábios do poeta. A evocação maravilhada de um passado grandioso ainda exsurge num e noutro poema. E tambem a expressão de amoroso respeito em face de monumentos e instituições da tradição sagrada, o Talmud, a Yeshiva. Mas o profundo fremito já é outro. Apos a primeira juventude, vivida no sofrimento, mas animada de esperança, o poeta conheceu um dos momentos mais trágicos do seu povo. Conheceu a Russia de 1903, em que "perto de sete milhões de judeus viviam no terror de um regime de intolerancia, de perseguições e de pogromes".

"Esta vida infamante — escreve o illustre interprete de Bialik — levou o seu desespero ao paroxismo e é um trágico conflito o que rebenta entre a sua vontade de agarrar-se a uma

proteção divina, a uma justiça imanente, e o seu sentimento de vazio total".

Desespero, na verdade. Não apenas revolta, contra a contingência de transitória situação esmagadora. Não apenas impaciencia pelo destino terreno da raça. Mas desespero de uma libertação final — desesperança de um destino eterno.

Já em 1901 transpunha o poeta, em versos, um sentimento de lassidão tão fundo que se diria superar tudo o que no mesmo sentido expressaram os poetas do tédio da linhagem baudelaireana:

"Os carvalhos disseram-se, balouçando-se:
"Vem apodrecer e repousar á nossa sombra.
Esta sepultura e este pó
Foram feitos para supprimir todas as misérias.

Alguns anos mais tarde começa o poeta a entoar um cantico ininterrupto quasi de imprecações e maldições, ás vezes de uma efficacia expressional que nos gela o sangue. Estou sem forças, clama o poeta, não tenho mais esperança... Até quando? Até onde? Até quando? E, se implora ainda a pleidade dos céus, se lhe invoca a justiça eterna, é para exigir que ela se mostre imediatamente. Porque,

"... se, para aparecer, ela espera que eu tenha
[desaparecido,
Que o seu trono para sempre tombe
E pereça o céu na sua eterna iniquidade!"

Nas suas maldições, é que, sobretudo, ressurge a voz dos profetas. Resurge, no entanto, como um eco vincto do fundo do abismo. Porque essa voz amaldiçoava, em nome de Deus, os que se esqueciam de Deus. Bialik, em nome do seu povo, amaldiçoa os outros povos. E amaldiçoa a Deus, que se esqueceu do seu povo. Mas o instrumento resoante de que, nos profetas, se servia Deus, é ainda o mesmo resoante instrumento de que, no poeta de hoje, se serve o espirito de negação para vibrar os seus tremendos acentos de angustia revoltada. Mostram-no perfeitamente estes dois anátemas terríveis, tirados de dois poemas diversos de Bialik:

"Possas o sangue abrir o caminho para o abismo
[lmo
E lá no fundo, no immenso imperio das trevas,
Roer os fundamentos apodrecidos da terra!"
Possa a vossa dor, no coração d. universo,
Acumular-se sem cessar.

.....
Possa esta dor sem nome e sem patria
Erguer-se em testemunho de vossa espoliação
E gritar para o Sheol e para o céu que im-
[peçam
toda redenção do mundo dos pecados!"

Para uma alma cristã, contudo, o mais impressivo dos seus poemas, e o mais cheio de misterioso sentido é o que ele intitulou: "Chamai as serpentes". Cantico doloroso em que o poeta se funde com a alma do seu povo, para sentir-lhe o amargor supremo, e, a um só tempo, como que lhe sobrepára em singular attitude de objectividade, esse poema dá do povo judeu neste instante quasi a mesma visão que dele têm os olhos banhados do clarão novo do Evangelho. "Chamai as serpentes — diz o poeta falando a Israel — e que elas propaguem nossa cólera até os confins da terra! Porque fostes lançados ao deserto, jogados sobre a pedra do rochedo. Em torno de vós se extendem silenciosas nudezes eternas... Esqueceste as florestas eternas, o surgimento das fontes e a sombra fresca da Arvore da Vida. Devorastes até as migalhas da vossa alma... — Chamai as

Luiz da Camara Casando, publicou, recentemente, um opusculo: — "Viajando o Sertão".

Esse moço é uma das vozes livres do Brasil. Lá do Rio Grande do Norte faz ouvir bem nitidos os acentos dum espirito cordial. Outro dia era critica, o que elle nos mandava. Depois, foi uma dessas monographias historicas, que estão na moda: "O Conde d'Eu". Agora conta que andou pelo sertão, 1.307 kilometros, e isso de automovel, de auto-de-linha, de trem, de canôa, de rebocador e de hydro-avião.

O que elle trouxe dessa viagem, poderia parecer surpreendente, si não representasse, na realidade, somma de observações e de estudos anteriores. Este opusculo de cincoenta paginas condensa, aliás, de forma agradável, materia de grosso volume. Cada capitulo, breve sempre, e cheio de substancia, representa um fastigio de vitalidade, ou, quando menos, sempre ensina alguma coisa.

Na dedicatória, o autor passa por sobre a expressão: — sertão de inverno. Titulo para um livro que Luiz da Camara Casando poderá escrever. E' o tropical sertão no seu periodo de abundancia, o pullulamento da vida sob o afflugo das aguas do céu. A "primavera" dessas latitudes mornas. Primavera, porque o sertão de inverno, no Sul, é a extensão deolada, rebrilhante de geadas ou recoberta de nevoa espessa, varrida pelo minuano e pelo pampeiro rispido. A gente é, em essencia, a mesma, porém, condicionada por um habitat, mais generoso, de uberidade eterna, menos melancholica, por isso. O sertão tropical, que Luiz da Camara Casando viajou não tem o fluido e casto sabôr do matte, mas a densidade voluptuosa do cacáu e o cheiro obsidente do caldo de canna fermentado.

No meio da literatura regionalista, cada vez mais sensual, sensual ate á morbidez, o breve relato de Luiz da Camara Casando é facil, de pittoresco ligeiro, de esfusante bonhomia.

agulas, e que elas levem até ao coração do céu vosso vivo clamor! Porque o vosso deserto foi um dia atravessado de ventos e de nuvens vindos de regiões longinquas como embaixadores de libertação... — Então abristes para as nuvens braços suplicantes, vossos olhos imploraram do céu a chuva. Mas, ah!, as nuvens benditas se afastaram e levaram o seu tesouro para outras regiões... — Então, a prece ultima que tombava dos vossos lábios se transformou, de subito, em maldição. E desde aí procurais em vão a morte, vós a procurais em perpétuos gemidos... Chamai as nuvens e que elas levem os vossos sofrimentos por sobre os oceanos imensos!

Este o cantico, — que traduzi apenas em seus fragmentos principais — entoado no ano de 5666 (1906) da criação do mundo, cerca de dois milênios após o advento de Cristo, pelo poeta que a unanimidade judaica reconhece como seu grande aedo nacional e ao som de cujos passos — como escreveu Jacob Fichmann, — "todos os poetas se calaram, interromperam seu canto e desceram discretamente da tribuna"...

Se um aedo de Cristo desejasse lembrar ao povo judaico o seu trágico papel no drama divino da Redenção e quisesse mostrar no seu destino posterior de dispersão e sofrimento, de vacillação e de dúvida, de odio e de desespero um testemunho do erro infinito cometido — não poderia perfeitamente entoar esse cantico?

Sim, Israel, estás sedento. Mas as nuvens benditas levaram os seus tesouros para outras regiões. E em torno de ti se extendem silenciosas nudezes eternas...

T. S.

No circo sem tétó da amazonia

Ramayana de Chevallier poderia ter nascido para *gêno* como o seu prenome parecia predestinar. Poderia ter desandado em *literato*, no sentido depreciativo que esta epocha pródiga vai attribuindo á literatura. No caso, porém, o "Ramayana" indica apenas um enranhado amor á cultura, em familia de gente sem falso amor proprio.

José Chevallier não quiz crear um novo Chapelain, o pobre poeta do Setecentos, forçado a preparar-se para ser o grande cantor épico de Joanna d'Arc, e que foi apenas, e não é pouco, um homem de espirito, e um Homero falhado.

Ramayana de Chevallier vem agora da Amazonia, e lá do fabuloso Acre, com um volume regorgitante de infinitas experlencias. "No circo sem tétó da Amazonia é uma dessas obras que parecem representar globalmente todas as virtualidades do seu autor.

Como uma *Chanaan*, por exemplo. Dir-se-lia uma *summa* de tudo que Ramayana sabe, de tudo que sentiu, herdou e adivinhou sobre aquelle mundo terrível, e formidável fastigio da hydrographia planetaria.

Livro irregular, tortuoso, cahótico, por vezes, mas tenso e riço, firme de andadura, como um potro selvagem. Através da selva prodigiosa, do inextricavel tecido das llanas, por sobre os furos, os paranás, dentro da vertigem nauseante e visguenta da febre immemorial, esse quasi menino vai rompendo, haurindo, cheirando, arranhando-se, com o impeto intímorato do creador.

A Amazonia já originou forte literatura. Depois do ensalo classico genial, de Euclides da Cunha, depois do baptismo definitivo do *Inferno Verde* por Alberto Rangel, autor das bellas *Sombras n'agua*; depois das monographias tão ricas de Raymundo de Moraes (*Na planície amazonica* e *No Paiz das Pedras Verdes*), depois do ensalo notavel de Araujo Lima (o mais completo que possuímos); depois de *Terra Immatura*, o admiravel poema de Alfredo Ladislao; depois de *Cobra Norato*, em que Raul Bopp gravou inesquecíveis aguas-fórtés; depois disso tudo, e do mais que ha (por que não lembrar o ensalo mallogrado, mas chelo de selva, e tão curioso, que é *O Missionario*, de Souza Bandeira; o *Paroara*, do patriarcha Rodolpho Theophilo; os bons contos de José Verissimo; e a agradável fantasia, á Plerre Benoit, *Amazonia Mysteriosa*, de Gastão Cruls?), e que é bastante, depois chega, sem ruído, este livro de Ramayana de Chevallier.

Abre-se com desconfiança. A Amazonia, está visto, não é mais, propriamente uma novidade. Além disso o autor explicou em sub-título á boa maneira dos naturalistas: — *O drama social dos seringueiros*. Logo se fica á espera do quasi inevitavel desastre: — da irrealização quasi fatal da obra de these. Neste momento, sobretudo, o caso fica muito sério, por que o seringueiro é, afinal de contas, operario, e a obra vai ser, inevitavelmente, incorporada á *literatura proletaria*.

Drama social, quer dizer, drama eschematico, drama estandardizado.

Vae-se, porém, ler este *Circo sem tétó da Amazonia* com a desprevenção que merece qualquer obra sincera. No fim, pergunta-se onde o drama social, onde a these.

Onde se diz these, diz-se intenção. Intenção existe, super-abundantemente, nessa obra. Mals do que isso: um completo repertorio de terminologia medica de technologia geologica e geographica, um apparatus vultoso de anthropogeographia e de anthropologia americana; afóra a psychanalyse e toda a modernidade da psychologia. Ademais, ensalos compactos, como os capitulos: — *O cenario*, *Anatomia Hidrographica*, *Morcego humano*, os primeiros quatro numeros de *Mucura*, os numeros finais de *Escravatura Bronzea*. Ensaos em que um sopro carlyleano, através do nosso Euclides, levanta um épico da terra e da gente dum universo em ple trabalho horriavelmente doloroso de parturiente.

Ramayana de Chevallier, nesse livro, apresenta aquella opulencia de requinte que caracteriza as artes barbaras, o Oriente, e as perdas facéis, jubilosas, da rica adolescencia. O ensalo anthropogeographico, nesse livro, é bello, palavroso, alta essencia da planície-rainha, batendo as myriadas de folhas farfalhantes á brisa rara. A expressão incrívelmente propria, gulada por um sentido agudo de plasticidade e de chromatismo. Seria interessante ennumerar as variantes de que usou Ramayana para exprimir a individualização das correntes pluvias. Isso bas-

tára para evidenciar a numerosa imaginação do jovem escriptor. Os pequenos quadros, a cada passo, são, muita vez, impressivos, duma justeza de *racourci* excepcional.

Em obra abundante, excessiva como essa, o perigo é o de ficar indigente, si despida dos pannejamentos sumptuosos. Ha muito epitheto, alli, provindo de simples symetria, de musicalidade vã. Haverá um preclousmo occasionalmente irritante. A espontaneidade é tal, entretanto, que sentimos ser natural e facil para este autor moço, o requinte e o excesso. O excesso é phenomeno amazonico por excellencia.

As impressões imaginativas da natureza, ligam subtilmente, em *No circo sem tétó da Amazonia* o ensalo ao drama.

A these não tem frincha por onde metter-se em compartimento estanque: incorpora-se ao poema épico. Nesse livro percebe-se muito claro a filiação do romance no velho tronco, aparentemente morto, da epopeia. A correnteza da narração viridente carrea tudo num symphonismo denso e expressivo. These, drama social exprimem-se, *realizam-se* numa obra de forte belleza. "Na arte antiga ou na arte moderna, procuro só o talento", dizem, tem-se visto dizer tantas vezes. "Procuremos ver si o autor opta em sua obra, si tem um ideal social determinado, sem o que estará fóra do seu tempo", exigem. O essencial, digam o que disserem, é a *realização*.

No circo sem tétó da Amazonia, está *realizado*. Não falemos em *definitivo*. Ninguém pôde saber da capacidade real de perduração de uma obra nova. Não se chame a esta obra livre, e que velu por que tinha de vir, *grande livro*, tão malbarateado esse elogio insigne, que uns poucos livros universacs, apenas, supportaram.

Diga-se, sómente: — está *realizado*.

Porque foi difficil realizal-o. Os ensalos anthropogeographicos, são ensalos. O drama social pôde incorporar-se áquelle ensalo, sob a forma de *these*. Alli ha, porém, além disso, um fundo drama humano: e as formações sociaes passam, e o basico drama humano persiste. E o essencial, por fim, fica sendo o drama de Zé Raymundo, e dos seus companheiros de gehenna.

A qualidade mais interessante deste livro é a arte com que Ramayana de Chevallier incorporou, fundiu o *ensaio* no drama. Com uma segurança surprehendente elle soube immergir tudo na grande dor de viver, na angustia de *ser*, que é a vida mesma. O seu didactismo não choca, não perturba a marcha do drama. Torna-se num elemento do tragico enorme.

Vê-se que Ramayana de Chevallier não armou a sua obrasinha de propaganda; não articulou fantoches de *grand-guignol* reformador. Exprimiu directamente o que viu, o que sentiu, o que sabia, e a força da evocação transbordou de qualquer intenção estritamente programmatistica.

Zé Raymundo, Juca Borba, o Mucura são gente perfeitamente individualada, typica, porque representativa, não porque eschematico.

A. M.

Festa

Revista de Arte e Pensamento
2ª Phase

Assignatura annual . . . 10\$000
Estrangeiro 5 dollars
Numero avulso 1\$000
Numero atrazado 2\$000

Correspondencia para

Andrade Murley
e
Tasso da Silveira

Redacção e Administracão

Av. Rio Branco, 57—1. andar
Rio de Janeiro

pintura futurista poemas

NOVOS

De Guilherme de Castro e Silva
— Rio.

Não é desinteressante uma observação retrospectiva sobre o início da pintura futurista que completa cinco lustros no mez de Fevereiro de 1936. Foi naquella mesmo mez que Marinetti apresentou em Paris os cinco pintores italianos Boccioni, Carrá, Russolo, Balla e Severini, os famosos signatarios do *Manifesto futurista*, o novo codigo artistico do seculo XX.

O *Manifesto* foi apresentado em Turim, no theatro Chiarella, perante uma assistencia superior a tres mil pessoas, artistas letrados, estudantes e curiosos. A nova legislação artistica era uma simples adhesão ao movimento dos poetas futuristas da escola de Marinetti, mas tinha um particular interesse por tratar especialmente de arte e servir de orientação á pintura moderna. Durante a noite em que foi lido o manifesto, desencadeou-se uma verdadeira batalha, uma nova batalha de Hernani, para defesa da arte genial italiana, mas passada a luta e passados os annos, vejamos quaes eram os pontos essenciaes daquella celebre *Manifesto futurista*.

A necessidade de procurar a verdade reage contra a mentalidade antiquada e não reconhece as velhas modalidades da Formanem da cor, como até então haviam sido entendidas. O importante não é frizar um instante, uma pose; é preciso mais, isto é, fixar a propria sensação dinamica. Efectivamente, tudo no mundo tem vida e movimento, os movimentos são feltos de vibrações no espaço e se multiplicam até o infinito; tudo, pois, é convencional nas artes plasticas e nada é absoluto em pintura. As verdades de hontem já são mentiras.

O Manifesto declara tambem que o espaço não mais existe, e para melhor provar a asserção mostra como uma casa se destaca sobre o fundo do sol, o qual se acha a milhões de kilometros de distancia. Mesmas theorias sobre a opacidade dos corpos, baseados nos mediuns que não conhecem obstaculos visuaes, e em materia de visão, novas idéas, fundamentadas sobre os progressos dos raios X, isto numa época em que nem se sonhava com a televisão...

A construção technica dos quadros, disse o manifesto, foi, até hoje, *estupidamente tradicional*, os pintores sempre mostraram objectos e pessoas distantes de nós; nós, collocaremos o proprio espectador no centro do quadro. Queremos entrar na vida sem fazer distincções entre os séres, *a dor dum indíviduo é para nós tão interessante quanto a dor duma lampada electrica que soffre espasmodicamente antes de morrer*.

Para conceber e comprehender as bellezas novas dum quadro futurista é preciso que a alma se purifique, que a vista fique livre daquelle veu de *atavismo e de cultura*, para que passe a considerar como o nosso unico contróle a Natureza e não o Museu. Como se está vendo, muitos conceitos são aproveitaveis no celebre manifesto, dentro das elocubrações exaltadas dos neophytos.

Em resumo, os futuristas declaravam:

- 1.º — que todas as formas de imitação são condemnaveis e que todas as formas de originalidade são louvaveis e devem mesmo ser glorificadas;
- 2.º — que todos os verdadeiros artistas devem reagir contra a tyrannia das palavras "harmonia" e "bom gosto", expressões elasticas, por meio das quaes, é possível dismantelar as obras de Rambrandt, de Goya e de Rodin...
- 3.º — que a critica de arte, além de inutil, é nociva;
- 4.º — que se devem eliminar os assumptos já batidos;
- 5.º — que o titulo de *louco* é uma honra;

- 6.º — que o dynamismo universal deve ser dado em pintura como sensação dinamica;
- 7.º — que a sinceridade e a virgindade são condições essenciaes para interpretar a natureza;
- 8.º — que o movimento e a luz destroem a materia dos corpos.

Por esses motivos, os primeiros futuristas lutaram contra os coloridos bituminosos e contra o archaismo artificial e superficial, imitando a factura linear dos Egyptios; combateram tambem o nú em pintura, não por o considerar immoral, mas por acha-lo monotono e gasto. A pintura moderna, allás, nas suas escolas mais avancadas reprova o nú, o cubismo e os seus derivados nunca admittiram o nú, a pintura moderna não é immoral como a litteratura — ainda bem...

Talvez a ausencia do nú seja a unica conquista futurista que represente uma realidade porque a originalidade tão apregoada não constituc por si só uma novidade. A pintura de estados de alma, de dynamismo, não tem dado resultados apreciaveis durante os cinco lustros esgottados, entretanto é preciso reconhecer um esforço geral, uma tendencia para alguma coisa nova e ainda mal definida, um periodo de transição sem duvida, entre o tradicionalismo archaico e o modernismo atrevido.

Desde o manifesto, muitas escolas tentaram revolucionar a pintura sem resultado. Os rebeldes conservaram-se na velha technica dos antigos, os novos procuraram os caminhos novos e ainda os procuram. Esses caminhos conduzirão finalmente a uma nova arte menos artificial e provavelmente mais perfeita que a classica, a não ser que se queira definir o classicismo como perfeição absoluta...

henri de lanteuil

á sombra do himalaya

(conclusão da pagina 4)

de Ramakrishna e os seus pensamentos profundos como a Terra, fecundos como a Terra, sedutores, maravilhosos, verdadeiros como a Terra.

O seu evangelho trazido por ele á America do Norte, frutificou no sólo do cimento-dotes da cultura universal, nas academias armado. O seu nome ficou entre os sacer—"yankces" e nas bibliothecas collossaes de Chicago e Washington.

Morreu, como morre qualquer homem: — de diabetes. Não houve lenda em torno de sua morte. Ainda vivo, o seu espirito já se havia transportado para a eternidade.

Do Himalaya, os paredões de gelo refletem ainda hoje, para todo o mundo, o incendio cosmico de Vivekananda, o Mestre dos olhos de lotus, cuja beleza fisica era, na certeza do seu pensamento, uma projecção palida de sua alma incandescente.

ramayana de chevalier

Ainda ha quem indague se a poesia morrerá. Nem por devanclo devemos pensar em tal cousa. O que é o Universo, das secretas palpitações oceanicas á maravilhosa harmonia sideral, se não vasta epopeia do Còsmos, sentida e contemplada por outra força que ultrapassa os limites do planeta para attingir a poesia mais alta ainda por infinita? Força que é o mundo interior de cada ser na especie humana. A intelligencia é a parte elevada do ser, o amor é a profunda.

Ambas têm a sua raiz nos fundamentos da vida e geram toda a beleza da existencia; e a beleza, porque é uma percepção do espirito, é eterna, e a poesia, a emoção estética, é a sua essencia. A objectivação da poesia faz-se pela obra de arte. A sua technica é um triangulo: — sensibilidade, pensamento, expressão — com o vértice para o alto, esotericamente, como as pyramides famosas. Que a poesia continua em florescencia vêm-nos dizer mais dois poetas, novos, pela idade, encantadoramente jovens, e pela expressão moderna em que nos falamos. São elles Guilherme de Castro e Silva e Inah Pacheco Secundina.

O primeiro estreiou aos 12 annos com um livro — *Alegria* — que surpreendeu a atenção litteraria da época pela seiva risonha e promissora, tão bem traduzida no titulo. Aparece-nos elle agora com *Poemas Novos*, e a surpresa retorna pelo vigor da linguagem, agudeza de pequenas observações expressas de modo muito natural mas imprevisito, na inspiração primaveril e forte de seus paineis.

Madrugada,
quando o quarto é uma grande sombra ainda.

Madrugada,
que se advinha pela inquietude das cousas.
.....
pelo vento que traz um sabor de alvorada.

E notemos a linda sugestão final:

E fica-se em extase esperando
a grande revelação...

Em Bem estar:

Só se ouve o ruido do vento curioso
folheando os jornaes que eu deixei
em cima da mesa.

(conclue na pagina 15)

poemas
novos

murillo

araujo

(conclusão da pagina 4)

Em *lyrismo*:

No morro fronteiro tinham atirado o sól pelo despenhadelro.
E o atiraram p'ra o lado da terra porque se o fizessem p'ro lado do mar, elle bolaria como boiava demanzinha quando surgia.

Em *Insomnia*:

Uma cascata se joga, com uma coragem in-
[crível],
do alto de um morro enorme,
rolando pelas pedras.
Este quadro de *Enfermo* é como um balucio de coração menino:

Vejo a noite baixar.
Vejo a noite crescer
como quem vae fechando
devagarinho os olhos...

Favela é todo um scenario de verdade rude e humana.

No *Poema das horas*, ha outra pincelada interessante, em que o adjectivo é o flagrante de uma situação.

Os lampeões abrindo os olhos
espiam o romance inconfessavel das esquinas.

Em *Pertigo* ha esta sugestão impressiva do fenomeno e da nossa paisagem:

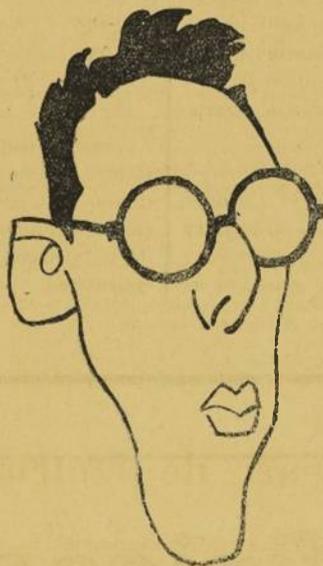
O sól no alto parecia um monoculo vermelho
no olho da montanha.

Pena é que se repita neste poema o "sól detraz dos morros", de bello efeito anteriormente.

Outro reparo: o mecanismo futurista, que, de tão usado, se tornou vulgaridade ôca, da sua nota em *Sucessão* e nas "montanhas castanhas", de *Contraste*.

Foi breve o êco, felizmente, mas destacavel por muito alheio ao primoroso ambiente geral do livro. O joven poeta vive mais pelo exterior da vida, o que é natural com alma tão moça ainda; que olhos felizes, porém, tem elle, tomando as cousas na sua plena vibração para nol-as dar em tom singelo e novo, com o talento de raça que possui.

Se, na obra poetica de Murillo Araujo, os *Carrilhões* são uma cella de meditação e recolhimento, e *A cidade de ouro* um salão nobre, clareado de grandes paineis de mestre. — *A iluminação da vida* e *As sete côres do céu* são um jardim fresco. O conde antigo vae-nos mostrando, um por um, os recantos mais deliciosos do seu dominio de sonho. E ainda tem muito que mostrar. Ha, ainda, a ver, a floresta ensombrada, cheia do infinito rumor do entardecer, e por sob cujas frentes cerradas, e por entre cujos troncos serenos, correm, ágels e ariscos, os animaes prodigiosos de formas puras, que elle vae caçar sózinho, com a matilha dos seus instinctos esfomeados de belleza.



A iluminação da vida, que traz o mais proprio, mais expressivo e mais novo dos titulos de livro do movimento modernista e *As sete côres do céu* são um jardim fresco. Para que valha a metaphora, é preciso que se recorde o sentido transcendente que attribuo aos jardins. Para mim, o jardim representa a harmonia suprema entre a natureza e o homem, a realidade e o sonho, a vida e o ideal. E' a conciliação infinita e profunda.

E', sobre a Terra, o encontro do espirito de Deus com o espirito do homem.

Arvores e aguas, passaros e flores, vozes do vento, zumbidos dos insectos, — els todo o elemento natural que, na floresta, é a bruta realidade esmagadora, dentro da qual o homem de hoje fôra como exillado: a realidade hostil! contra a qual elle investe para vencel-a e transformal-a.

A esse mesmo elemento impõe a conformação do seu espirito, a symetria da sua visão autonoma. E das aguas selicagens faz os lagos tranquillos e os canaes mansos e espelhentos; alinha as arvores em alamedas, agrupa-as em bosques em que dorme a sombra: e as arvores formam paineis decorativos e as alamedas são caminhos de sonho... ("Alegria criadora").

Na poesia de Murillo Araujo a vida se illuminou outra vez — de uma luz diferente da dos grandes paineis de mestre do salão dourado e da amortecente luz da cella reco-

lha — porque elle saiu para o jardim. Illuminou-se da luz do sól verdadeiro, da luz das coisas vivas, da virgem luz do céu aberto. "Programma: poesia da America barbara: cadencia e vibração primitivas — dança selvagem e gritos de juventude e de força interjeições deslumbradas com a cor e o som de uma terra nova." Esta a realidade bruta que elle teve para modelar de novo. Fez, com ella, o que com os elementos da selva hostile fez o homem, criador: construiu-a em jardim.

"Sou um homem do mundo jovem
do mundo claro.

meus rythmos
retinem como as capoeiras e retangem como os [brejos].

Neste minuto, a vida
é ouro...

na agua do tanque o céu estyllza as imagens.

Sussurram pifanos e rufos na charanga dos [bambús].

As luzes brincam de quatro cantos, e dan-
sam, dansam."

O caminho que fez Murillo Araujo de *Carrilhões*, para *Iluminação* e *Sete côres*, através de *A cidade de Ouro*, reproduz "ontogeneticamente", como diria o velho e desprestigiado Haeckel, a "phillogenese" da poesia post romântica.

Estão na sua obra marcadas, em *retreci*, todas as etapas dessa poessia. Ha nellas a phase inicial puramente symbolista dos *Carrilhões*, com o tédio, a melancolia, a torre de marfim, com o subjectivismo exarcebado, caracteristicos do symbolismo da primeira hora. O poema da cidade maravilhosa indica evolução posterior no mesmo sentido em que a realizaram, nas pégadas de Whitman e Verhaeren, os cantores da ardente realidade humana hodlerna, em que as construcções gigantescas do homem tomam relevo épico e esplendem no selo da belleza universal, mas carregadas ainda de dramático accento pela lembrança do esforço amargo de que puderam nascer. *Iluminação* e *As sete côres* representam, por fim, a libertação definitiva. Renovando rythmos, imagens e motivos, Murillo Araujo entrou na ronda modernista. Entrou, porém, ao lado do bando da alegria verdadeira. Porque houve outro bando que rodou, rodou, com o tódio, ainda no coração, para disfarçar o descontentamento. Este acabou por affrouxar a cadencia da dança e dispersar-se afinal, auto-intoxicado de lassidão e sarcasmo. O de Murillo Araujo continuou o ballado. Em rythmos cada vez mais luminosos e profundos, mais frescos e inesperados. Porque a belleza existe, de facto. E, portanto, é possível a alegria. O que ás vezes fallece no homem é a força de alma para a arrancada da vida com que Deus prova e separa os destinos superiores.

Banco dos Funcionarios Publicos

O SEU RELATORIO DE 1934

O Banco dos Funcionarios Publicos acaba de distribuir o seu relatorio do exercicio de 1934. Esse documento da vida, do trabalho e do progresso do velho estabelecimento nacional de credito é apresentado aos acionistas pelo seu respectivo presidente, General Emilio Sarmiento.

Como se sabe, o Banco foi autorizado a operar, pelo Marechal Deodoro da Fonseca, em 1890. O decreto de autorizaçao e a necessaria exposiçao de motivos foram redigidos do proprio punho de Ruy Barbosa, que escreveu, sobre o assunto, uma das suas paginas memoraveis, traçando, pode dizer-se o verdadeiro programa do Banco.

E esse relatorio de agora, o Conselho Fiscal, composto do Almirante Francisco de Matos, do Coronel Genserico de Vasconcelos e do engenheiro Edmundo Monte, ofereceu um parecer, que é muito expressivo. Reconhecendo que são solidas as condiçoes economicas

e financeiras do Banco, acentua o Conselho textualmente:

Das contas saltam logo á vista, a de transaçoes sobre consignaçoes e a de depositos. Tomemos, para confronto, os dados relativos aos exercicios de 1932, 1933 e 1934.

<i>Transaçoes sobre consignaçoes</i>		<i>Transaçoes sobre depositos</i>	
1932 —	8.609:963\$836	1932 —	3.071:495\$980
1933 —	17.106:019\$100	1933 —	7.610:850\$528
1934 —	21.702:020\$922	1934 —	12.536:522\$087

O confronto revela o progresso extraordinario do Banco. Manteve-se o mesmo dividendo de 8 %, atendendo-se á providencia louvavel não só de se amortizarem prejuizos por falecimentos de mutuarios, como de se levarem á conta de lucros e perdas os debitos incobráveis.

“Definição do modernismo brasileiro”

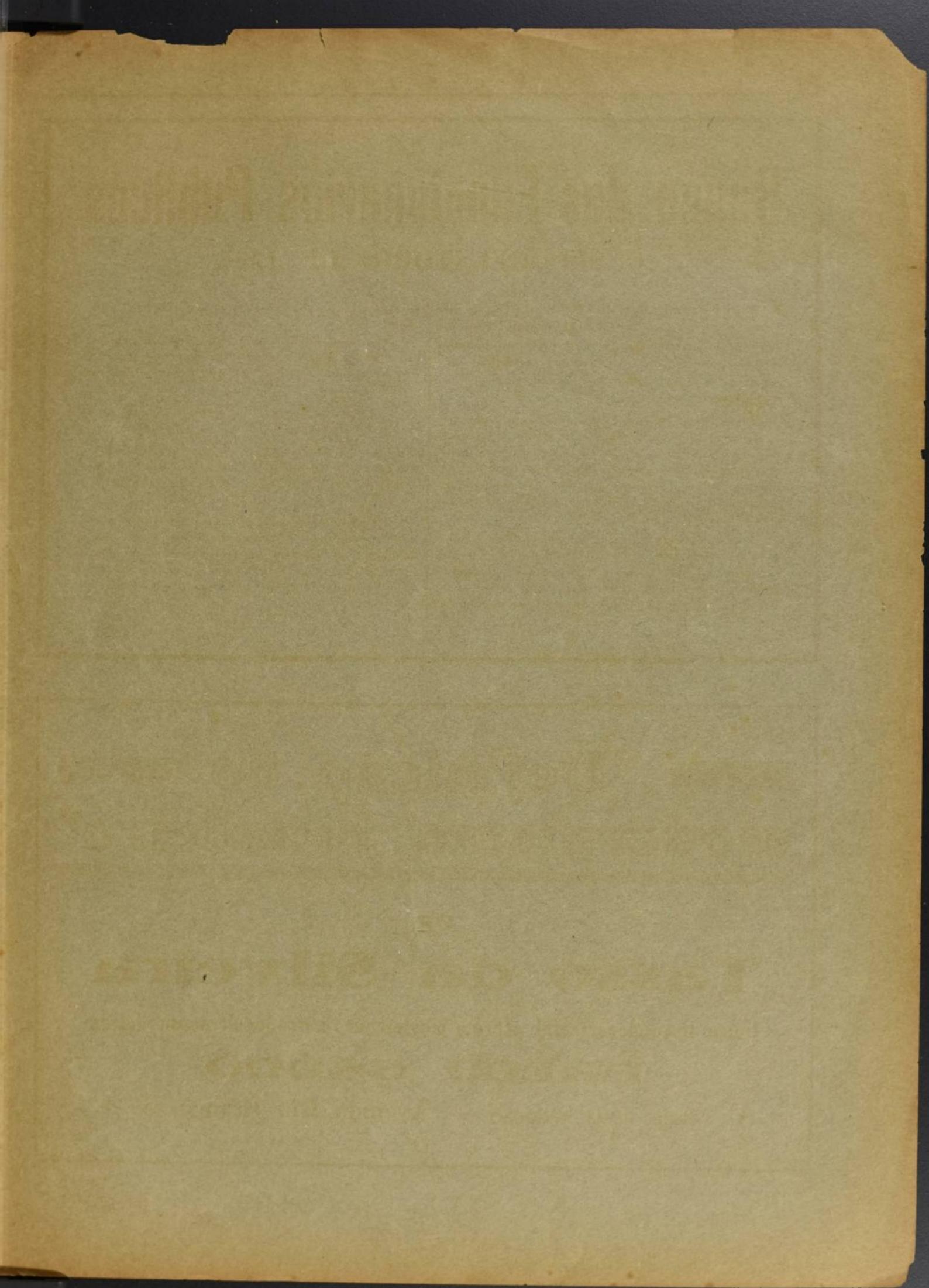
DE

Tasso da Silveira

Unico livro documental sobre o movimento renovador de nossas letras

PREÇO 6\$000

A' venda nesta redaçao — Avenida Rio Branco, 57-1.º





Docentes de...

OFFICINAS...
...
...